

Marcos C. J. P. C. Rodrigues
Adilson Ribeiro de Oliveira

Guia prático para comunicação acadêmico-científica no Ensino Médio Integrado



Marcos C. J. P. C. Rodrigues
Adilson Ribeiro de Oliveira

Guia prático para comunicação acadêmico-científica no Ensino Médio Integrado

FICHA EDITORIAL

Autoria

Marcos Cristhyam de Jesus Pereira da Cruz Rodrigues
Adilson Ribeiro de Oliveira

Projeto editorial e Diagramação

Bárbara Larissa Alexandre Filgueira Mota
Hemerson Soares da Silva

R696g Rodrigues, Marcos Cristhyam de Jesus Pereira da Cruz.

Guia prático para comunicação acadêmico-científica no Ensino Médio Integrado/ Marcos Cristhyam de Jesus Pereira da Cruz Rodrigues. – 2025.

117 f.: il.col.

ISBN: 978-65-01-37217-4

Orientador: Adilson Ribeiro de Oliveira.

Produto Educacional (mestrado) – Instituto Federal de Minas Gerais.
Campus Ouro Branco, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProFEPT), Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, 2025.

1. Escrita. 2. Oralidade. 3. Acadêmico-científico. 4. Ensino Médio Integrado.
5. Educação Profissional e Tecnológica. I. Rodrigues, Marcos Cristhyam de Jesus Pereira da Cruz. II. Oliveira, Adilson Ribeiro de. III. Instituto Federal de Minas Gerais. Campus Ouro Branco. IV. Título.

CDU: 82:808.1

Catalogação: Márcia Margarida Vilaça - CRB-6/2235



Guia prático para comunicação acadêmico-científica no Ensino Médio Integrado, de Marcos Cristhyam de Jesus Pereira da Cruz Rodrigues e Adilson Ribeiro de Oliveira está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

PREFÁCIO

O material educacional “Guia prático para comunicação acadêmico-científica no Ensino Médio Integrado” é resultado não somente da dissertação “Letramentos e formação humana integral em práticas extensionistas na Educação Profissional e Tecnológica: um estudo de caso”, apresentada ao programa de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal de Minas Gerais – campus Ouro Branco, pelo mestre Marcos Cristhyam de Jesus Pereira da Cruz Rodrigues, sob a orientação do professor doutor Adilson Ribeiro de Oliveira, como também das experiências e das atuações dos autores nos três eixos que constituem a base do conhecimento acadêmico: ensino, pesquisa e extensão, e cujas práticas pedagógicas contribuem, dentro da Educação Profissional e Tecnológica, para uma formação omnilateral dos estudantes, tanto do Ensino Médio Integrado quanto das outras modalidades e níveis de ensino. Em outros termos, percebe-se a preocupação dos autores em abordar não apenas

características linguístico-textuais da escrita acadêmico-científica, mas também a dimensão humana do pesquisador que tem consciência de que não é ético cometer plágios. Isso pode ser percebido em vários momentos do texto, mas, em especial, quando os autores afirmam que “a honestidade e a humildade são valores fundamentais para a vida de um pesquisador”.

Como professoras do IFMG campus Ouro Branco, nós nos sentimos muito privilegiadas por participar de diversos projetos e práticas de ensino, pesquisa e extensão com os autores deste E-book, e igualmente por poder acompanhar de perto a trajetória escolar-acadêmica do Marcos, que foi estudante do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Metalurgia, e, durante esse período, atuou como monitor da disciplina de Língua Portuguesa, demonstrando muito empenho e responsabilidade tanto para cumprir suas atividades quanto para auxiliar, sempre de forma solícita, colegas de sua turma e também de outras turmas. Depois, ao ingressar no Ensino Superior, no curso de graduação em Administração pela mesma instituição, participou como bolsista do projeto de pesquisa “Análise de redações nota 1000 do ENEM: constatações, apontamentos e perspectivas” e como voluntário do proje-

to de extensão “ConTEXTO: Oficina de leitura e produção de textos”, a partir do qual desenvolveu sua pesquisa de Mestrado no ProfEPT. Ao longo desses anos, Marcos também foi coautor do E-book “Redação do Enem: O que é? Como se faz?” e do curso online “Coesão textual: dominando a Competência IV da redação do Enem”, disponibilizado gratuitamente na plataforma + IFMG. Além disso, apresentou brilhantemente trabalhos em eventos acadêmicos da área de Letras, entre eles, no Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP) e no Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais/Discursivos (SIGET), bem como em outros promovidos pelo IFMG, como a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT). Ademais, sempre esteve disponível para ministrar com maestria oficinas, minicursos, palestras e até lives sobre o texto dissertativo-argumentativo da Redação do Enem. Assim, com um currículo que perpassa a tríade ensino-pesquisa-extensão, ele possui conhecimentos e experiências suficientes sobre a escrita acadêmico-científica para compartilhar com vocês, estudantes do Ensino Médio Integrado, visto que esse processo de letramento, a princípio, pode se configurar como uma tarefa árdua. Então, nada melhor que trocar informações com quem já trilhou esse caminho, não é mesmo?

Logo, tem-se aqui um material que reúne esse rico aprendizado dos autores, que são muito didáticos na explicação dos conteúdos, na apresentação das informações verbais e não verbais, como quadros e diagramas, nos exemplos e nas sugestões oferecidas ao leitor. No que se refere ao conteúdo abordado, o guia está dividido em quatro capítulos em que são tratados desde aspectos linguístico-textuais da linguagem acadêmico-científica até modos de se apropriar de maneira eficiente dessa linguagem e também de conceitos e de teorias por meio de exemplos claros e ilustrativos de gêneros comuns no ambiente escolar desde o ensino médio, como por exemplo, relatórios, artigos e comunicações orais em eventos acadêmico-científicos, com os quais vocês terão de lidar ao participarem de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Além disso, acreditamos que vocês também têm a intenção de cursar uma graduação após a conclusão da Educação Básica, então estar familiarizados com o assunto é uma forma de se prepararem para esta nova realidade na qual pretendem ingressar: o Ensino Superior.

O convite está feito! Venham conosco conhecer mais dessa obra incrível, escrita de forma leve e descontraída, permitindo que um assunto geralmente tão denso e

de difícil compreensão chegue a vocês de maneira simples e clara por meio de exemplos e dicas para a assimilação do conteúdo apresentado.

Finalmente, parabenizamos os nossos amigos, autores deste e-book, e nos sentimos imensamente felizes por vê-los colher os frutos de um percurso que se iniciou ainda em 2017, quando Marcos era o estudante do 2º ano do Ensino Médio Integrado e Adilson, o professor de Língua Portuguesa e Literatura, e foi se fortalecendo ao longo da Graduação e agora, como orientando e orientador, no Mestrado, presenteiam-nos com esse belíssimo trabalho feito a quatro mãos com sensibilidade e afeto.

Ana Paula Mendes Alves de Carvalho

Professora no IFMG – Campus Ouro Branco e coordenadora do projeto de extensão “ConTEXTO: oficina de leitura e produção de textos”

Denise Giarola Maia

Professora no IFMG – Campus Ouro Branco e coordenadora do projeto de extensão “ConTEXTO: oficina de leitura e produção de textos”



SUMÁRIO

Capítulo 1

**Linguagem em textos
acadêmico-científicos:**
uma visão introdutória

10

40

**Transformando ideias em
ciência:** argumentação em textos *Capítulo 2*
acadêmico-científicos

Capítulo 3

**Articulação de ideias na escrita
acadêmico-científica:**
o que é? Como fazer?

69

81

Textos acadêmico-científicos:
como produzir artigos, relatórios e *Capítulo 4*
comunicações orais?

LINGUAGEM EM TEXTOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS: UMA VISÃO INTRODUTÓRIA

Neste capítulo - que inicia os conteúdos que pretendemos discutir neste *e-book* - elegemos a linguagem para ser o assunto que irá direcionar, a princípio, os nossos estudos. Essa escolha foi feita, pois sabemos que ela, em textos acadêmico-científicos, apresenta características muito particulares e entendê-las é, certamente, o primeiro passo para conseguirmos transmitir, ou melhor, compartilhar informações de modo adequado e efetivo. Dito isso, de uma maneira bastante simples e direto ao ponto, contudo sem abirmos mão de trazer vários exemplos para contextualizar conceitos mais complexos, vamos aprender, juntos, as especificidades da linguagem em foco.

Vivemos em uma sociedade na qual diferentes textos fazem parte de nosso cotidiano: formais, informais, orais, escritos, verbais, não verbais. Eles estão presentes em todos os espaços/grupos que ocupamos (casa, família, escola, trabalho, dentre outros) e são recursos que materializam linguisticamente mensagens específicas, facili-

tando o processo de comunicação humana. Assim como nossas práticas e comportamentos variam conforme o ambiente em que estamos inseridos, os textos também variam, tendo em vista quem o produz, para quem, como e por quê. Dessa maneira, é fundamental compreendermos que um texto pode assumir diferentes formas e ser escrito de diferentes modos, havendo, pois, uma certa flexibilidade quanto à estrutura e às escolhas linguísticas.

Nesse sentido, não podemos pensar em texto como um produto único e singular, valorizando somente aqueles que são produzidos em espaços de poder e que atendem à norma-padrão. Na verdade, precisamos entender que o texto envolve dinamicidade e adequação à situação comunicativa. Na escrita/produção de textos escritos ou orais, o emissor (aquele que propaga uma determinada mensagem) deve ser capaz de fazer escolhas assertivas, com o objetivo de interagir com o receptor (aquele que recebe uma determinada mensagem), a partir de contextos específicos, que podem ser mais formais ou mais informais.



Como você já sabe, neste manual, iremos abordar a intitulada **escrita acadêmico-científica**. Ao ler esse nome, acreditamos que diversas questões e ideias preconcebidas possam ter vindo à sua mente, provavelmente por esse tipo de escrita ser, geralmente, muito distante da realidade de grupos que não fazem parte da academia (aqui tratada no sentido estrito de contemplar somente estudantes do ensino superior). Partimos da premissa de que é necessário apresentar aos estudantes do ensino médio, sobretudo àqueles que participam de projetos de extensão e de pesquisa, conceitos, práticas, ferramentas que possam auxiliá-los na escrita de relatórios, de artigos acadêmico-científicos e na participação de eventos (comunicação oral), a fim de que eles possam ampliar suas possibilidades de atuação na escola e na sociedade, produzindo e comunicando conhecimentos/saberes sistematizados.

A escrita acadêmico-científica faz parte de um universo em que as práticas de leitura e de escrita são rigorosas, dominantes, hegemônicas e que os textos seguem normatizações, diretrizes e regras específicas. Identificar e se apropriar dessas orientações é importante, porque, como sinalizamos antes, o texto deve atender expectativas comunicativas e, de maneira análoga, aquele que o

produz também. Se, por um lado, em conversas com amigos e familiares por meio de redes sociais, podemos usar uma linguagem mais informal, descontraída e intimista; por outro lado, em textos acadêmico-científicos, é preciso adotarmos uma linguagem mais formal, objetiva e precisa, o que também se aplica a textos orais, como aqueles recorrentes em apresentações em seminários, em simpósios, em mesas-redondas, etc.

Para refletir...



Apesar de os textos acadêmico-científicos exigirem o uso da norma-padrão, isso não significa que, em nossa escrita e em nossa comunicação oral, precisemos utilizar palavras rebuscadas e estruturas linguísticas muito complexas com o intuito de se construir um ideal de suposta intelectualidade. Opte por uma linguagem simples e formal!

Sabendo que o contexto das ciências é bastante plural, contemplando diferentes áreas, a saber, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciên-

cias da Saúde, Ciências Agrárias, Linguística, Letras e Artes, Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas, é desejável ressaltar que os textos que circulam em cada um desses campos do conhecimento podem apresentar características e modos de produção específicos. Aqui, não pretendemos explorar esses aspectos mais peculiares, mas apenas mencionar que a escrita de um texto acadêmico-científico também é influenciada pela área de saber na qual exercemos práticas de extensão e/ou de pesquisa.



Fica a dica

Para entender como os textos acadêmico-científicos de uma área específica do conhecimento são produzidos, sugerimos que você leia alguns artigos, ensaios, relatos de experiência do campo do saber de seu interesse, buscando encontrar padrões em termos de linguagem e de estrutura. Faça uma leitura atenciosa e observe como os autores constroem argumentos, parágrafos, frases, quais palavras e expressões costumam utilizar.



Embora existam inúmeras formas de produzir textos acadêmico-científicos, variando, inclusive, de acordo com a área do saber, em se tratando da linguagem, há características em comum entre eles que não podem ser desconsideradas. Essa afirmação, de nenhum modo, tem a finalidade de reforçar determinismos e prescrições sobre a comunicação científica. Objetivamos com essa perspectiva, essencialmente, trazer a você orientações para que consiga ter um panorama geral sobre o que a escrita acadêmico-científica significa na prática.

O principal ponto em comum é o **atendimento à norma-padrão**. Os textos acadêmico-científicos devem ser escritos a partir das orientações previstas em gramáticas normativas. Necessariamente, isso quer dizer que eles também devem prezar pela **linguagem formal**. Na sequência, iremos abordar os principais desvios encontrados em trabalhos acadêmicos - quando lidamos com aspectos gramaticais - para que você aprenda a reconhecê-los e evitá-los em sua escrita. Para tanto, sugerimos que você acompanhe, com atenção, os exemplos e as análises seguintes. Vamos nessa?



Parágrafos longos e parágrafos curtos

Na escrita acadêmico-científica, devemos ter o cuidado de construir textos os quais os leitores possam ler sem muita dificuldade. Logo, uma forma de garantir que conceitos, ideias e raciocínios sejam compartilhados, da maneira mais clara possível, é analisar a extensão de parágrafos e o encadeamento de informações. Não pretendemos estipular, com isso, um número ideal de linhas que um parágrafo precisa ter, nem, ao menos, quantas frases devem constituir-lo. No entanto, você, como autor, deverá criticamente observar se os seus parágrafos são muito longos - o que tende a gerar uma leitura cansativa - ou muito curtos - o que tende a resultar em uma leitura fragmentada.

No que diz respeito ao encadeamento de informações, não se preocupe neste momento, pois, mais adiante, especificamente nos capítulos 2 e 3, esse assunto será abordado dos pontos de vista argumentativo e coesivo. Retomando o raciocínio da extensão dos parágrafos, entendemos que o tamanho deles varia de acordo com as necessidades de cada texto e até conforme o estilo de escrita de cada autor. Apesar disso, o equilíbrio é fundamental! Não queremos que nosso leitor fique perdido ou confuso ao ler os nossos textos, não é mesmo?! Juntos,

iremos analisar dois exemplos para compreendermos como a extensão dos parágrafos pode influenciar o ritmo e a qualidade da leitura.

Texto 1¹

Parágrafo 1

Em uma sociedade cada vez mais volúvel e complexa, as práticas de extensão surgem como ações transformadoras da realidade (Peres, 2020).

Parágrafo 2

Os estudantes do ensino médio, ao participarem delas, experienciam uma formação integral oportunizada pela geração de conhecimento, pela troca de saberes com múltiplas pessoas e pelo contato com variados espaços (Peres, 2020).

Parágrafo 3

Pode-se afirmar que o estreitamento da relação entre academia e comunidade externa deve superar objetivos assistencialistas (Couto, 2020).

Parágrafo 4

Na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), independentemente da modalidade de ensino, as atividades de extensão pretendem que os estudantes desenvolvam a capacidade crítica (Coelho, 2022).

Parágrafo 5

Isso necessariamente significa que a extensão na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) possibilita aos discentes compreenderem a realidade em que estão inseridos (Oliveira; Costa, 2021).

¹ Quase todos os trechos e os textos usados como exemplos práticos neste e-book foram retirados integralmente ou adaptados da dissertação produzida pelo Mestre Marcos Cristhyam de Jesus Pereira da Cruz Rodrigues, sob a orientação do Professor Doutor Adilson Ribeiro de Oliveira, no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede (ProfEPT) do IFMG - Campus Ouro Branco.

Observe que no **Texto 1** cada parágrafo é composto por uma única frase. O primeiro tem duas linhas, o segundo, três, o terceiro, duas, o quarto, três, e, por fim, o quinto, três. Analisando os parágrafos, você já deve ter percebido que, por eles serem muito curtos, a leitura torna-se muito fracionada e segmentada. Uma maneira de evitar essa situação é unir parágrafos que, de alguma forma, tratem de um mesmo assunto ou possam se complementar, mas lembre-se de que eles precisam fazer sentido quando combinados. Não basta apenas uni-los sem critérios. Ok? A reescrita do **Texto 1**, aplicando as orientações aqui sugeridas, ficaria da seguinte forma:

Texto 1 (Reescrito)

Parágrafo 1

Em uma sociedade cada vez mais volúvel e complexa, as práticas de extensão surgem como ações transformadoras da realidade, **em que** os estudantes do ensino médio, ao participarem delas, experienciam uma formação integral oportunizada pela geração de conhecimento, pela troca de saberes com múltiplas pessoas e pelo contato com variados espaços (Peres, 2020). **Com base nisso**, pode-se afirmar que o estreitamento da relação entre academia e comunidade externa deve superar objetivos assistencialistas (Couto, 2020).

Parágrafo 2

Na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), independentemente da modalidade de ensino, as atividades de extensão pretendem que os estudantes desenvolvam a capacidade crítica (Coelho, 2022). Isso necessariamente significa que a extensão na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) possibilita aos discentes compreenderem a realidade em que estão inseridos (Oliveira; Costa, 2021).

Veja que no **Texto 1 (reescrito)** temos o primeiro parágrafo composto por duas frases e por oito linhas, e o segundo parágrafo composto por duas frases e por seis linhas. Fazendo a leitura novamente, você percebeu que, na versão reescrita, as ideias em comum ou que se complementam foram agrupadas e reorganizadas de modo a transmitirem informações mais objetivamente? O fluxo da leitura, certamente, também ficou mais agradável. Para li-

gar os três primeiros parágrafos (frases) do **Texto 1**, utilizamos as expressões “em que” e “com base nisso”. Ou seja, em alguns momentos na união de parágrafos, será indispensável a realização de ajustes na escrita. No **Texto 2**, a seguir, iremos analisar um parágrafo longo, exemplo oposto ao anterior (parágrafo curto). Combinado?

Texto 2

Parágrafo 1

Em uma sociedade cada vez mais volúvel e complexa, as práticas de extensão surgem como ações transformadoras da realidade, em que os estudantes do ensino médio, ao participarem delas, experienciam uma formação integral oportunizada pela geração de conhecimento, pela troca de saberes com múltiplas pessoas e pelo contato com variados espaços (Peres, 2020). Com base nisso, pode-se afirmar que o estreitamento da relação entre academia e comunidade externa deve superar objetivos assistencialistas (Couto, 2020). Na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT), independentemente da modalidade de ensino, as atividades de extensão pretendem que os estudantes desenvolvam a capacidade crítica (Coelho, 2022). No trabalho educativo, em especial, a extensão desloca o processo de ensino/aprendizagem da sala de aula para outros ambientes, o que favorece a contextualização de teorias e a aplicação prática do conhecimento, trazendo novas dinâmicas e abordagens pedagógicas para o contexto educacional, permitindo experimentação (Santos; Rocha; Passaglio, 2016). Nesse sentido, as ações extensionistas - diferentemente de práticas escolares tradicionalistas e conservadoras - valorizam a criatividade, a inovação, a reflexão, a invenção, os sujeitos e as suas vivências (Siveres, 2013).

Note que no **Texto 2** temos um exemplo de parágrafo muito longo, constituído por dezoito linhas e por cinco frases. Esses parecem ser números consideráveis, não é mesmo? Nesse caso, podemos afirmar que há um excesso de informações/frases agrupadas de forma caótica, sem muita preocupação com o leitor. Você deve ter percebido que a leitura se torna muito densa e cansativa. Uma forma de evitar essa situação é separar frases que não abordam uma mesma ideia, gerando novos parágrafos. Vale mencionar que é preciso cuidado nessa fragmentação para que elas não percam seu sentido, caso dependam de informações anteriores. A reescrita do **Texto 2**, aplicando as orientações que estamos apresentando, ficaria da seguinte forma:

Texto 2 (Reescrito)

Parágrafo 1

Em uma sociedade cada vez mais volúvel e complexa, as práticas de extensão surgem como ações transformadoras da realidade, em que os estudantes do ensino médio, ao participarem delas, experienciam uma formação integral oportunizada pela geração de conhecimento, pela troca de saberes com múltiplas pessoas e pelo contato com variados espaços (Peres, 2020). Com base nisso, pode-se afirmar que o estreitamento da relação entre academia e comunidade externa deve superar objetivos assistencialistas (Couto, 2020). Na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT), independentemente da modalidade de ensino, as atividades de extensão pretendem que os estudantes desenvolvam a capacidade crítica (Coelho, 2022).

Parágrafo 2

No trabalho educativo, em especial, a extensão desloca o processo de ensino/aprendizagem da sala de aula para outros ambientes, o que favorece a contextualização de teorias e a aplicação prática do conhecimento, trazendo novas dinâmicas e abordagens pedagógicas para o contexto educacional, permitindo experimentação (Santos; Rocha; Passaglio, 2016). Nesse sentido, as ações extensionistas - diferentemente de práticas escolares tradicionalistas e conservadoras - valorizam a criatividade, a inovação, a reflexão, a invenção, os sujeitos e as suas vivências (Síveres, 2013).

Veja que no **Texto 2 (reescrito)** o primeiro parágrafo é composto por três frases e por dez linhas, e o segundo parágrafo composto por duas frases e por oito linhas. Basicamente, transformamos aquele parágrafo extenso do **Texto 2** em dois parágrafos de tamanho médio. Aquela

confusão e aglomerado de ideias foram desfeitos. Agora, cada parágrafo tem uma organização lógica mais clara, o que tende a favorecer a leitura e a interpretação do leitor. Em resumo, ao escrevermos textos acadêmico-científicos, precisamos nos atentar em relação ao volume e à organização das informações que compartilhamos com nosso leitor, para que a leitura seja prazerosa e agradável. A mesma lógica em relação à extensão dos parágrafos também vale para a das frases. Evite frases muito longas ou muito extensas, pois elas podem comprometer a qualidade da leitura e, então, o entendimento de informações.

PASSOS PARA ELABORAÇÃO DE FRASES E DE PARÁGRAFOS

Passo 1



Escrita

Construa frases e parágrafos, reunindo informações de interesse.

Passo 2

Leitura

Faça uma leitura crítica de seu texto, procurando frases e parágrafos extensos ou curtos demais que estejam comprometendo a fluidez das ideias.



Passo 3



Reescrita

Faça as adaptações linguísticas necessárias, utilizando os sinais de pontuação e algumas expressões para orientar o leitor no processo de leitura.



Indícios de informalidade (coloquialismo)

Como já vimos anteriormente, existem textos formais e textos informais. Pelo fato de a escrita acadêmico-científica exigir o atendimento à norma-padrão, podemos concluir que nela devemos optar pelo uso da linguagem formal. Em textos acadêmico-científicos, portanto, uma característica inapropriada é a presença de marcas de oralidade, que consistem em expressões comuns em nossos diálogos do dia a dia. Quando escrevemos um artigo acadêmico-científico ou um relatório, por exemplo, é essencial evitarmos gírias, contrações informais, ditados populares, dentre outros. Nos exemplos a seguir, analisaremos alguns trechos para que você possa compreender como desvios dessa natureza se manifestam em produções textuais comuns na ciência e na academia.

Trecho 1

Penha e Almeida (2020) concluem que o letramento digital na Educação Profissional e Tecnológica pode contribuir na construção de estudantes capazes de utilizar tecnologias, de modo crítico, preparando **eles** para a sociedade e para o mundo de trabalho a partir de uma visão integradora, politécnica e omnilateral.

No **Trecho 1**, há um desvio em relação à norma-padrão muito comum na oralidade. Veja que a palavra destacada em vermelho (eles) está exercendo, incorretamente, a função de complemento verbal. Essa construção linguística está inadequada, porque “eles” é pronome pessoal do caso reto (3ª pessoa do plural). Em falas e conversas do cotidiano (dependendo do contexto), não há problema nesse tipo de ocorrência, visto que ela, do ponto de vista de sentido, não impossibilita o entendimento da mensagem que se pretende transmitir. Entretanto, para um texto acadêmico-científico, a reescrita do trecho deve ser feita.

Trecho 1 (Reescrito)

Penha e Almeida (2020) concluem que o letramento digital na Educação Profissional e Tecnológica pode contribuir na construção de estudantes capazes de utilizar tecnologias, de modo crítico, preparando-os para a sociedade e para o mundo de trabalho a partir de uma visão integradora, politécnica e omnilateral.

No **Trecho 1 (reescrito)**, foi feita uma correção. Agora, o complemento do verbo “preparando” é um pronome oblíquo átono “os”, o que torna o trecho correto gramaticalmente. Outro traço de oralidade bastante frequente em

textos escritos é a utilização imprópria de tempos e de modos verbais, como acompanharemos no trecho seguinte.

Trecho 2

Logo, pode-se afirmar que a função da leitura e da escrita nas sociedades atuais **devia** ser tratada com mais afinho (Guimarães, 2008). Não há, portanto, como desvincular o papel da escola da formação de educandos conscientes a partir da língua/linguagem.

Perceba que no **Trecho 2** o verbo “devia” foi empregado inadequadamente. O vocábulo em destaque está no pretérito imperfeito, expressando uma ação interrompida e que está no passado. Todavia, deveria ter sido usado no futuro do pretérito, apresentando uma hipótese/possibilidade/desejo. Isso ilustra que, na escrita acadêmico-científica, precisamos dominar o uso dos tempos (pretérito, presente, futuro) e dos modos verbais (indicativo, subjuntivo, imperativo). A seguir, veremos a reescrita do trecho, aplicando o devido ajuste para sua adequação gramatical.

Trecho 2 (Reescrito)

Logo, pode-se afirmar que a função da leitura e da escrita nas sociedades atuais **deveria** ser tratada com mais afinco (Guimarães, 2008). Não há, portanto, como desvincular o papel da escola da formação de educandos conscientes a partir da língua/linguagem.

No **Trecho 2 (reescrito)**, o verbo “deveria” encontra-se empregado corretamente para a norma-padrão. Para finalizar as exemplificações sobre indícios de informalidade em textos acadêmico-científicos, iremos abordar aqueles que, provavelmente, são os mais “clássicos” presentes em nossas comunicações diárias e, por isso, mais facilmente identificados como inadequados em escrita formal: gírias, contrações e ditados populares.

Trecho 3

Couto (2020) destaca que, na literatura, a investigação acerca da relevância pedagógica intrínseca à extensão (articulada ao ensino e à pesquisa) detém-se aos espaços educacionais de ensino superior (universidades). No entanto, **pra** autora, a discussão sobre esse **trem** na Educação Profissional e Tecnológica demonstra-se uma possibilidade para o alcance de uma formação profissional, social, política e cidadã próxima a que se pretende por formação humana integral. Aliás, **a esperança é a última que morre**.

Observe que o **Trecho 3** é um exemplo de como o uso de expressões típicas da oralidade podem destoar em relação à linguagem que esperamos de um texto mais formal. Note que os elementos destacados (**pra**, **trem**, **a esperança é a última que morre**) são, respectivamente, contração informal, gíria (bastante comum no estado de Minas Gerais) e ditado popular.

Trecho 3 (Reescrito)

Couto (2020) destaca que, na literatura, a investigação acerca da relevância pedagógica intrínseca à extensão (articulada ao ensino e à pesquisa) detém-se aos espaços educacionais de ensino superior (universidades). No entanto, **para a** autora, a discussão sobre esse **tema** na Educação Profissional e Tecnológica demonstra-se uma possibilidade para o alcance de uma formação profissional, social, política e cidadã próxima a que se pretende por formação humana integral. Aliás, **essa é uma orientação pedagógica que deve ser seguida por educadores comprometidos com a transformação social.**

No **Trecho 3 (reescrito)**, foram promovidas algumas alterações para se garantir o cumprimento da norma-padrão. A palavra “pra” foi substituída por “para a”; a palavra “trem” foi substituída por “tema”; e a sentença “a esperança e a última que morre” foi substituída por “essa é uma orientação pedagógica que deve ser seguida por educadores comprometidos com a transformação social”. Em termos estruturais, não houve mudanças muito significativas. Mas percebe que algumas simples trocas podem deixar o texto mais adequado e em tom formal? Terminados os casos sobre indícios de informalidade na escrita acadêmico-científica, passemos para o próximo assunto.



Escolha imprecisa de vocábulos (termos, palavras, expressões)

Já apontamos anteriormente que a linguagem acadêmico-científica deve ser objetiva e precisa. E você pode estar pensando: como garantir isso em nosso texto? Bom, para tratar desse aspecto, devemos entender que as palavras trazem consigo uma carga semântica, isto é, expressam significados, que podem variar conforme os usos que são feitos. Posto isso, em textos acadêmico-científicos, a sensibilidade com o emprego das palavras e com os sentidos que elas podem transmitir precisa ser redobrada, já que produções escritas dessa natureza exigem rigor, cientificidade e sistematização. Aliás, não podemos transmitir ao leitor conceitos e reflexões equivocados e desprovidos de fundamentação. Na sequência, traremos dois exemplos para ilustrar como as palavras, quando utilizadas incorretamente, podem prejudicar a clareza de uma mensagem.

Trecho 4

Adotar essa postura crítica é indispensável para estabelecer uma educação transformadora, visto que o capital, por meio da objetificação de corpos e, até mesmo, da educação, cria condições para formar seres humanos unilaterais e, conseqüentemente, alienados ao cristalizar e ao propagar perspectivas que **retificam** hierarquias entre trabalho manual e trabalho intelectual (Moura; Filho; Silva, 2015).

O **Trecho 4** demonstra como o emprego de uma única palavra no local e na situação inadequados pode prejudicar todo o sentido de uma linha de raciocínio, evidenciando contradições conceituais/argumentativas dentro do próprio texto. Retificar pode significar corrigir algo. No exemplo, o verbo “retificam” transmite uma informação inadequada no trecho, pois o capitalismo não propõe transformações, mudanças, correções em relação às hierarquias entre trabalho manual e trabalho intelectual. Pelo contrário, estimula-as. Dessa forma, o trecho deveria ser repensado.

Trecho 4 (Reescrito)

Adotar essa postura crítica é indispensável para estabelecer uma educação transformadora, visto que o capital, por meio da objetificação de corpos e, até mesmo, da educação, cria condições para formar seres humanos unilaterais e, conseqüentemente, alienados ao cristalizar e ao propagar perspectivas que **ratificam** hierarquias entre trabalho manual e trabalho intelectual (Moura; Filho; Silva, 2015).

No **Trecho 4 (reescrito)**, o verbo “retificam” foi trocado pelo verbo “ratificam”. Com essa mudança, agora não existe mais truncamento (discordância) em relação às informações contidas na passagem. Ratificar pode ter o sentido de confirmar, de validar, de confirmar. Agora, a mensagem contida no trecho é transmitida coerentemente, porque se endossa o caráter alienador do capitalismo, que se manifesta por meio da dualidade entre as classes e os tipos de trabalho (manual e intelectual). No último exemplo deste capítulo, veremos mais um uso impróprio de palavras/expressões.

Trecho 5

A perspectiva teórica assumida por Tfouni (1994) vai **de encontro à** de Kleiman (2005), pois ambas as autoras concordam que a definição de letramento não cabe em uma escola, as práticas sociais de uso da leitura e da escrita são mais abrangentes.

O **Trecho 5** apresenta como finalidade descrever que existem semelhanças em se tratando do conceito de letramento defendido por duas autoras nacionais (Leda Tfouni e Angela Kleiman). Contudo, observe que o uso da expressão “de encontro a” contribui para a geração de contradição, já que traz um significado de discordância, de antagonismo, de divergência. Assim sendo, propomos a reescrita do trecho, substituindo a expressão que causa incongruência.

Trecho 5 (Reescrito)

A perspectiva teórica assumida por Tfouni (1994) vai **ao encontro à de** Kleiman (2005), pois ambas as autoras concordam que a definição de letramento não cabe em uma escola, as práticas sociais de uso da leitura e da escrita são mais abrangentes.

No **Trecho 5 (reescrito)**, trocamos a expressão “de encontro a” por “ao encontro de”. Esta, por sua vez, carrega um sentido de concordância (estar de acordo com algo). Note que, agora, a ideia de apresentar similaridades entre conceitos de duas autoras é executada com êxito (atendimento à norma-padrão). Diante dos exemplos, ao escolher vocábulos, certifique-se de que eles condizem com a mensagem que você pretende transmitir em seus textos. Para isso, consulte dicionários e atente-se às palavras e às expressões em língua portuguesa que possam gerar mais dúvidas, como **homônimos** (palavras que possuem mesma pronúncia e/ou mesma grafia, porém significados diferentes) e **parônimos** (palavras que possuem quase mesma pronúncia e/ou mesma grafia, mas significados diferentes).

EXPRESSÕES QUE CAUSAM DÚVIDAS NA ESCRITA

Expressão 1	Expressão 2
Infligir (=aplicar pena, castigo, punição)	Infringir (=transgredir, desobedecer, violar)
Retificar (=corrigir, ajustar)	Ratificar (=confirmar, validar, comprovar)
Iminente (=imediato)	Eminente (=elevado)
Seção (=parte, fração)	Sessão (=espaço temporal, intervalo)
Conjetura (=suposição, hipótese)	Conjuntura (=situação, circunstância)
Descriminar (=inocentar)	Discriminar (distinguir, discernir)
Emigrar (=sair)	Imigrar (=entrar)
Descrição (=ato de descrever)	Discrição (=ser discreto)
Afim (=igual, semelhante)	A fim (finalidade)
Tão pouco (=muito pouco)	Tampouco (=nem)
Mau (oposto de bom)	Mal (oposto de bem)
Demais (=muito)	De mais (=a mais)
Há (referência a tempo passado)	A (referência a tempo futuro)
Mas (oposição, contraste)	Mais (intensidade, amplificação)
Se não (=caso não)	Senão (=do contrário)
Onde (espaço fixo)	Aonde (movimento)
Ao encontro de (convergência)	De encontro a (divergência)
Acerca (=sobre)	A cerca de (quantidade aproximada)
Ao invés de (oposição)	Em vez de (substituição)
Sobretudo (=principalmente)	Sobre tudo (=acerca de tudo)
Censo (=levantamento estatístico)	Senso (=juízo)
Flagrante (=no ato)	Fragrante (=perfumado)
Tachar (=julgar)	Taxar (=cobrar)
Absolver (=inocentar)	Absorver (=aspirar)
Comprimento (tamanho)	Cumprimento (saudação)
Delatar (=denunciar)	Dilatar (=expandir)

Quer saber mais?

Se durante a escrita de seus textos, tiver alguma dúvida em relação ao sentido de alguma palavra, consulte um dicionário físico ou online (<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=OWQE>).



Para refletir...



Ao afirmarmos que a escrita acadêmico-científica deve ser o mais objetiva e precisa possível, não estamos expressando que ela deve ser neutra, universal e mecânica. Nesse viés, ressaltamos que ela deve ser baseada na norma-padrão. Sobre o conteúdo científico produzido, compreendemos que esse não é externo ao pesquisador, logo é rico em subjetividade e em identidade, podendo assumir até uma forma de resistência e de luta política e social.



Checklist da escrita acadêmico-científica

Neste capítulo, apontamos não somente na teoria, mas também na prática (utilizando alguns trechos de exemplo) as características da escrita acadêmico-científica. Não levando em consideração as especificidades desse tipo de escrita em cada área do saber, buscamos abordar o atendimento à norma padrão como um tópico mais amplo e universal, evidenciando os principais desvios recorrentes em textos acadêmico-científicos. A seguir, criamos uma *checklist* (lista de checagem) para você analisar se a sua escrita está alinhada às orientações que discutimos até aqui.



- ✓ Os parágrafos e as frases de meu texto apresentam um tamanho médio, evitando estruturas muito longas ou muito curtas?
- ✓ Não utilizei palavras/expressões em meu texto que evidenciam traços de oralidade (gírias, contrações informais, frases de efeito, ditados populares ou alguns desvios gramaticais mais característicos da fala)?
- ✓ As palavras/expressões empregadas em meu texto comunicam, de forma clara e coerente, as informações que pretendo transmitir?
- ✓ A leitura de meu texto está fluida, isto é, não há trechos que estejam mal-formulados e que possam causar dúvidas no leitor?

TRANSFORMANDO IDEIAS EM CIÊNCIA: ARGUMENTAÇÃO EM TEXTOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS

Nos exemplos (trechos) que trouxemos no Capítulo 1 para entendermos as características linguísticas da escrita acadêmico-científica, você deve ter observado que as frases costumam apresentar nomes e números. Se iniciante na atividade de pesquisa, você pode estar se perguntando: afinal, o que são essas informações e qual é a função delas nos textos acadêmico-científicos? Bom, tendo como ponto de partida esses questionamentos, iremos aprender questões relacionadas à apropriação de teorias e de conceitos, abordando a forma como a argumentação pode ser elaborada nesses textos. Para tanto, começemos esse capítulo com dois trechos para analisarmos juntos a construção deles.

Trecho 6

Antes de designar os significados de letramento, é necessária a compreensão de quando essa expressão surgiu na língua portuguesa. No livro “Letramento: um tema em três gêneros”, **Soares (2009)** executa essa ação ao apontar que a palavra foi utilizada inicialmente - levando em consideração estudos da Educação e da Linguística - na década de 80.

Trecho 7

Se articulada ao ensino e à pesquisa, a extensão é base para a elaboração de currículos integrados, os quais buscam subsidiar a formação humana integral - promovendo contato profícuo entre as áreas técnica e propedêutica - e para a construção de práticas pedagógicas que proporcionem aos estudantes ação interventiva na realidade, desenvolvimento da cidadania, aprendizagem interdisciplinar e produção de conhecimentos teórico e prático (**Couto, 2020**).

Ambos os trechos trazem duas informações: nome (Soares, Couto) e número (2009, 2020). Esses nomes, na verdade, são sobrenomes, e os números são anos. Esta é uma prática muito comum na escrita acadêmico-científica: ao citarmos textos de outros autores, buscando utilizar

ideias, conceitos e/ou teorias deles, devemos fazer referência a quem já produziu/utilizou aquela informação de interesse, bem como o ano em que isso ocorreu. Esses dados, geralmente, estão presentes nos materiais bibliográficos, nos documentos (públicos ou privados) ou nos demais conteúdos (sites, produções audiovisuais) que acessamos. Nos **Trechos 6 e 7**, podemos verificar que o dado **autor/ano** pode aparecer tanto no meio quanto no fim da frase.



Fica a dica

A informação autor/ano pode ser utilizada em qualquer parte da frase (início, meio ou fim). Apesar disso, você deve perceber se o sobrenome do autor exerce a função de sujeito ou é evocado na oração (segundo, conforme, de acordo, para), pois, nesses casos, o nome deverá ficar fora dos parênteses, mantendo-se neles somente o ano.



Nos exemplos (trechos) anteriores, vimos um tipo de citação chamada **indireta**. Nela, reproduzimos com nossas próprias palavras, conceitos criados/utilizados por outros autores. Assim sendo, produzimos uma **paráfrase**, que consiste em um texto elaborado a partir de outro, necessitando preservar a ideia do original. Destacamos que gerar paráfrases não é uma tarefa tão simples, visto que devemos manter o sentido, porém a “forma” precisa ser alterada, ou seja, as palavras, as expressões e as estruturas sintáticas precisam ser alteradas. Sabendo dessa complexidade, sugerimos alguns passos para você conseguir construir paráfrases de qualidade.

COMO FAZER PARÁFRASES ASSERTIVAS?



Passo 1: leitura

Leia o trecho/texto original para compreender a ideia principal transmitida por ele.



Passo 2: preparação

Marque/destaque as palavras-chave.



Passo 3: produção

Promova alterações linguísticas no trecho/texto original (invertendo a ordem das frases, utilizando sinônimos, adicionando exemplificações, explicações, comparações, analogias).



Passo 4: avaliação

Compare o texto original e a paráfrase. Se o sentido tiver sido preservado e a “forma” estiver diferente, temos uma citação indireta adequada.

Tendo em vista os passos propostos, na sequência, iremos analisar dois tipos de paráfrase (uma inadequada e uma adequada, respectivamente) para facilitar a compreensão de como elas podem ou não ser produzidas. Assim, o trecho original (o que será parafraseado) é: *“Prefiro, antes de mais nada, falar de práticas de letramento do que de ‘letramento como tal’. Existem vários modos diferentes pelos quais representamos nossos usos e significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais e o testemunho de sociedades e épocas diferentes demonstra que é enganoso pensar em uma coisa única e compacta chamada letramento”* (Street, 2006, p. 466, grifo do autor).

Trecho 8 (paráfrase inadequada)

Para Street (2006), é mais adequado **falar de práticas de letramento do que de “letramento como tal”**. **Há vários jeitos diferentes pelos quais representamos nossos usos e significados sobre ler e escrever em variados contextos sociais e épocas diferentes**, por isso **é enganoso pensar em uma coisa singular e compacta denominada letramento** (Street, 2006).

Podemos verificar que no **Trecho 8** há uma tentativa de paráfrase (malsucedida). Quem a produziu esqueceu-se de se atentar a alguns pontos importantes. Para

construirmos uma paráfrase de qualidade, devemos não apenas manter a estrutura sintática do trecho/texto original, trocando algumas palavras por sinônimos e, simplesmente, omitindo algumas expressões aleatoriamente. Isso não se configura como paráfrase, pois não há uma reescrita, de fato, do texto original. Os trechos em vermelho representam cópias do trecho original, e os em azul, o uso de sinônimos ou de expressões relativamente equivalentes às do trecho parafraseado. A seguir, temos uma paráfrase tida como correta.

Trecho 9 (paráfrase adequada)

Na perspectiva de Street (2006), tem-se uma crítica ao fenômeno de singularização do letramento com a proposição do emprego da expressão “práticas de letramento” com o intuito de se desconstruir a noção que se tinha de que os usos da escrita eram homogêneos. Com isso, o autor resalta que, na verdade, eles variam de acordo com os contextos temporais e geográficos em que são produzidos.

No **Trecho 9**, há uma paráfrase que preserva o sentido do trecho original, visto que, nela, está presente a ideia de que o letramento não é um fenômeno homogêneo e singular, pois ele se modifica de acordo com o contexto

social, o tempo e o espaço. Além disso, nele, a estrutura sintática e a escolha de palavras distanciam-se do trecho parafraseado. Essa é a lógica que nós - ao produzirmos textos acadêmico-científicos - devemos buscar seguir. A título de curiosidade, vale mencionar que os exemplos que estamos analisando consistem em paráfrases de um trecho específico. Apesar disso, a paráfrase pode ser criada a partir de um texto mais extenso ou mesmo de ideias discutidas por um determinado autor localizadas em diferentes partes de uma obra. O mais importante é você preservar as informações e reescrevê-las a partir de suas próprias palavras e do seu estilo de escrita.



Fica a dica

O uso de sinônimos, de hipônimos (palavras mais específicas) e de hiperônimos (palavras mais genéricas, amplas) são recursos linguísticos fundamentais na construção de paráfrases. Todavia, por si só, não garantem uma paráfrase de qualidade. É importante atenção também à estrutura sintática.



Para refletir...

Ooo



A habilidade e os conhecimentos elementares para a elaboração de boas paráfrases, em linhas gerais, não são adquiridos/desenvolvidos pelo pesquisador imediatamente. A prática leva à “perfeição”. E a prática demanda tempo e dedicação. Por isso, fique tranquilo, exercite sua escrita e busque sempre formas autorais (escolhas linguísticas próprias) para reproduzir ideias de outros autores.

Além da citação indireta (paráfrase), em nossos textos acadêmico-científicos, é possível empregarmos uma ideia tal qual ela foi produzida por algum autor. Nesse caso, realizamos a denominada **citação direta**. Por meio dela, reproduzimos, fiel e integralmente, trechos publicados em algum livro, artigo, dissertação, tese, dentre outros para compor nossa produção textual. Esse tipo de citação é ideal quando não conseguimos reformular alguma frase ou mesmo quando desejamos replicar, exatamente com a mesma estrutura sintática e com as mesmas escolhas lin-

guísticas, o pensamento de algum autor. Vale pontuar que, nesse caso, é obrigatório usarmos aspas (esse sinal de pontuação sinaliza a citação direta) e, além da informação autor/ano, também a página da qual o trecho de interesse foi retirado.

Conceitualmente, já temos uma noção sobre citações. Neste momento, iremos explicar como construí-las. É preciso dizer que as falas e os pensamentos de autores não devem ser inseridos em nossos textos de forma aleatória, porque isso pode deixar a escrita fragmentada e desconexa. Por esse motivo, temos que pensar em modos de empregar conceitos ou teorias de interesse, buscando transmitir informações coerentes e articuladas entre si. Acreditamos que, para isso, seja viável exemplificar sobre como se dá o processo de elaboração/uso de citações. Basicamente, sugerimos que você siga três passos:

Como usar/produzir citações?



PASSO 1

Escolha o trecho de interesse, procurando analisar quais informações dialogam com a mensagem que você deseja transmitir.

PASSO 2

Defina o tipo de citação a ser feita (direta ou indireta), atentando-se àquela que melhor se adequa aos objetivos de seu texto.

PASSO 3

Aplice a citação ao texto, articulando-a às informações já apresentadas ou iniciando um tópico temático que será discutido.

Lembre-se: a citação deve ser parte do texto e não um fragmento textual utilizado de maneira aleatória!

Sobre o terceiro passo em especial (aplicação da citação ao texto), podemos usar algumas estratégias para inserir as citações em nossos textos acadêmico-científicos, como veremos na sequência: **autor enunciador**, **evocação** e **autor suporte**.

Trecho 10 - Autor enunciador

Em outras palavras, **Resende e Maciel (2015)** **expressam** que, em linhas gerais, o letramento escolar tem como principais características o tecnicismo e o individualismo.

O **Trecho 10** recorre a uma estratégia em que há uma estrutura composta pela indicação dos sobrenomes dos autores e ano (citação indireta), seguida de um verbo que introduz discurso/fala/pensamento (expressam). Ou seja, nesse caso, “Resende e Maciel” atuam como sujeito da frase. Para escrita acadêmico-científica, quando usamos o recurso **autor enunciador**, existe um conjunto de verbos que podem nos auxiliar na produção de citações, como veremos a seguir.

LISTA DE VERBOS PARA ESTRATÉGIA “AUTOR ENUNCIADOR”

acreditar	criticar	indicar
afirmar	defender	inferir
alegar	descrever	informar
alertar	destacar	manifestar
anunciar	determinar	observar
asseverar	discordar	ponderar
comentar	dizer	pontuar
compreender	ênfatisar	refutar
comunicar	entender	reiterar
concluir	explicar	relatar
confirmar	explicitar	revelar
contestar	expressar	salientar

Trecho 11 - Evocação

Segundo Tfouni (2005, p. 139), “letramento visto como um processo discursivo [...] se situa além da dicotomia oral/escrito”.

O **Trecho 11** é marcado por uma **evocação** a uma figura de autoridade (Leda Tfouni, pesquisadora que tem publicações sobre “letramento” e “alfabetização”) por meio de citação direta (indicação autor, ano e página). Note que, diferentemente do **Trecho 10**, o autor não é sujeito da frase, além disso, não há verbo que introduza discurso. Temos, no exemplo, na verdade, uma expressão de chamamento/

convocação (segundo). Na sequência, traremos palavras/termos para você se inspirar e ampliar seu repertório de escrita.

LISTA DE EXPRESSÕES/TERMOS PARA ESTRATÉGIA “EVOCAÇÃO”

segundo	nas palavras de	fundamentado na percepção de
conforme	consoante a teoria de	baseado nos conceitos de
de acordo com	com base em	assim como abordado por
para		
como		

Trecho 12 - Autor suporte

As ações extensionistas - diferentemente de práticas escolares tradicionalistas e conservadoras - valorizam a criatividade, a inovação, a reflexão, a invenção, os sujeitos e as suas vivências (Síveres, 2013).

Por fim, temos a estratégia **autor suporte** presente no **Trecho 12**. Observe que a informação autor/ano (citação indireta) não é o sujeito da frase, nem é evocada explicitamente (segundo, conforme, de acordo, para, etc.). Diante das três estratégias apresentadas, é possível compreendermos que elas podem ser feitas tanto para o uso

de citações diretas quanto para o de citações indiretas. A escolha deverá ser feita pelo autor com base nas suas intenções e estilo de escrita. Também é permitido diversificá-las ao longo dos textos acadêmico-científicos.

Até aqui, você já deve ter aprendido que a escrita acadêmico-científica não parte do zero. Com isso, queremos dizer que ela exige leitura de autores que já produziram conhecimento sistematizado na área em que buscamos desenvolver pesquisa e sobre o tema que queremos investigar. Nem sempre encontraremos material bibliográfico que trate especificamente de aspectos relativos à investigação que desejamos promover - isso ocorre principalmente quando pesquisamos assuntos pouco tratados na literatura. Nesse caso, embora a escrita seja um pouco mais difícil - devido ao baixo volume de informações sobre o nosso objeto/fenômeno de estudo - podemos construir nosso texto de uma forma mais exploratória (de certo modo até experimental), interpretando conceitos e teorias, promovendo diálogo entre autores e, a partir disso, fazendo inferências.



Fica a dica

Caso ainda tenha dúvidas sobre questões mais técnicas (formatação) relacionadas ao uso de citações, você poderá aprofundar seus conhecimentos acessando e estudando as diretrizes propostas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).



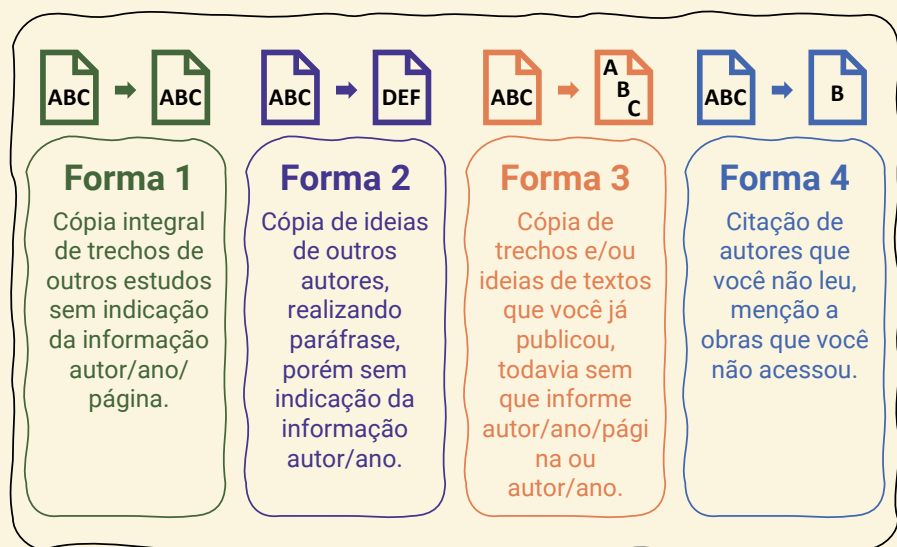
Quer saber mais?

Para mais informações, você também poderá contar com o “Manual de Normalização de Trabalhos Acadêmicos”, documento que busca orientar e normalizar as publicações técnico-científicas no âmbito institucional do IFMG. A obra explicita como utilizar as normas da ABNT para produção de variados textos acadêmico-científicos, como monografias, dissertações, teses, artigos científicos, relatórios de estágio, atividades avaliativas, etc. (<https://www.ifmg.edu.br/ourobranco/biblioteca/manual-de-normalizacao>).



Agora, iremos abordar um assunto que é cercado por um conjunto de dúvidas no contexto acadêmico-científico: **plágio**. Essa é uma palavra que, provavelmente, você já conhece. Apesar disso, na produção de textos acadêmico-científicos, ela pode assumir uma certa complexidade, por isso a necessidade de falarmos sobre esse tópico, porque o plágio se configura como um crime (violação de direitos autorais), e ninguém deseja cometê-lo inocentemente por falta de informação, não é mesmo? Tendo em vista o exposto, apresentaremos os seus tipos e formas de evitá-lo.

COMO O PLÁGIO PODE ACONTECER?



O combate ao plágio, mais do que uma questão puramente burocrática e acadêmica, é um modo de garantirmos a produção de conhecimentos científicos de forma ética. Quando iniciamos no universo da pesquisa, devemos nos atentar ao fato de que outros pesquisadores já executaram investigações na área do conhecimento da qual fazemos parte e sobre o tema que almejamos estudar (quase sempre). Demonstrar essa consciência é fundamental, pois a ciência se faz a partir do diálogo entre autores/pesquisadores/teorias e do reconhecimento daquilo que já foi publicado. Dito isso, a principal maneira de evitar o plágio é fazer citações (diretas e indiretas). A honestidade e a humildade são valores fundamentais para a vida de um pesquisador.

Com base nisso, podemos explicitar que a escrita acadêmico-científica não é um tipo de escrita em que podemos manifestar nosso ponto de vista e visão de mundo sem o mínimo cuidado tanto em relação ao conteúdo quanto à forma. Os textos acadêmico-científicos exigem fundamentação e formatação! Isso significa, em termos operacionais e práticos, que, para os construirmos, precisamos fazer leituras de artigos, de livros, de documentos em geral, por exemplo, selecionando ideias e conceitos

que se articulem ao nosso tema de pesquisa e que, além disso, deem conta de sustentar os argumentos que pretendemos defender.

Neste momento, vamos entender o potencial e a importância de estratégias argumentativas na escrita acadêmico-científica. A argumentação consiste em um processo em que o autor pretende convencer o leitor sobre uma tese central. Em textos acadêmico-científicos, especialmente, ela é elaborada de maneira a endossar determinados pontos de vista, que, necessariamente, precisam ser baseados em conhecimentos sistematizados, isto é, que tenham sido produzidos com rigor teórico-metodológico e validados cientificamente. Na prática, podemos empregar diferentes estratégias argumentativas, como veremos na sequência.

Trecho 13 - Argumentação por referência à autoridade

Antunes (2002) observa que, com a abordagem crítica de gêneros textuais, os textos deixam de ser interpretados como uma sequência de unidades linguísticas a serem meramente identificadas e tipificadas, e os aspectos gramaticais podem ser aprendidos de forma funcional a partir das características de cada gênero específico.

O **Trecho 13** foi construído empregando-se uma estratégia argumentativa muito presente na escrita acadêmico-científica: ***argumentação por referência à autoridade***. Neste caso específico, foi utilizado o conhecimento comunicado por Irandé Antunes (autora de livros e pesquisadora da área da Linguística) em artigo publicado, conferindo credibilidade às informações apresentadas. Essa estratégia é base para produção de textos acadêmico-científicos, visto que as ideias abordadas em artigos, por exemplo, precisam ser reconhecidas e validadas pela ciência. Esse tipo de escrita, portanto, somente se faz e é possível por meio da alusão a autoridades. Aqui, entendemos autoridade não unicamente como um autor, pesquisador ou estudioso de uma área do saber, mas também leis e documentos que tenham relevância nacional ou internacional. Exposto isso, a ***argumentação por referência à autoridade*** se combinará a outras estratégias (apontadas na sequência).

Trecho 14 - Argumentação por soma

Coscarelli (2007) acredita que é preciso, no trabalho com os gêneros textuais na escola, expandir o potencial de circulação dos textos. Além disso, é desejável que os estudantes tenham contato com os mais diversos gêneros, inclusive com aqueles presentes na esfera digital/virtual, pois se acredita que o reconhecimento da multiplicidade e da diversidade deles tornam a aprendizagem da língua/linguagem mais rica (Lima, 2017).

Perceba que no **Trecho 14** entre a primeira citação (destacada em azul) e a segunda (destacada em verde) há uma relação de adição de ideias. A própria expressão aditiva “Além disso” marca, textualmente, essa relação de sentido. Daremos a essa estratégia argumentativa o nome de **argumentação por soma**. Como o próprio termo pressupõe, ela é indicada quando o pesquisador tem a necessidade de construir um raciocínio mais completo, em que ele, para que isso ocorra, muitas vezes, precisará combinar conceitos/teorias de diferentes autores.

Trecho 15 - Argumentação por oposição

Moura (2013) evidencia que desconstruir o ideário dualista da educação é um processo que demanda a modificação da forma pela qual o capitalismo se (re)produz na sociedade. **No entanto**, para o autor, enquanto isso não ocorre, torna-se primordial uma abordagem ativa que possibilite a emancipação dos sujeitos a partir das contradições do sistema mencionado.

Observe que no **Trecho 15** ambas as frases são citações indiretas. Entre elas, foi estabelecida uma relação de quebra de expectativas, evidenciada pelo emprego da expressão “No entanto”. Na citação destacada em azul, defende-se uma mudança radical na estrutura social para superação da dualidade imposta pelo capitalismo na educação. Porém, por meio da citação destacada em verde, reconhece-se que, enquanto essa transformação não acontece na realidade prática, podem ser promovidas outras ações. Quando quisermos expressar contraste em nossos textos acadêmico-científicos, podemos recorrer a uma estratégia argumentativa chamada **argumentação por oposição**.

Trecho 16 - Argumentação por ilustração/exemplificação

Inicialmente, é relevante expor que, no contexto educacional brasileiro, o Ensino Médio Integrado representa um meio de articulação entre educação básica e educação profissional.

Acerca disso, convém esclarecer, segundo Ciavatta e Ramos (2011), que essa relação, em termos históricos, é caracterizada por uma natureza segregadora - um retrato capaz de exemplificar esse aspecto é o período do Brasil Colônia, em que escravizados e, posteriormente, trabalhadores livres tiveram-se ao exercício de atividades manuais (braçais) enquanto as elites gozavam da possibilidade de produzir ciência e, assim, de exercer atividades de cunho intelectual.

Trecho 17 - Argumentação por ilustração/exemplificação

A sensibilidade para com o uso do léxico que atravessa a realidade e o cotidiano escolar do Ensino Médio Integrado é necessária para marcar identidade política, pois, assim como defendido por Frigotto e Ciavatta (2003), o capitalismo apropria e deturpa o sentido e o significado de algumas palavras, desconfigurando-as a partir de interesses e de dinâmicas de poder próprios.

Para ilustrar, os autores registram que, nos anos 90, no país, os termos “educação integral”, “omnilateralidade” e “politecnia” foram desconsiderados pelo governo nas reformas educativas da época ao passo que “polivalência”, “qualidade total”, “competências” e “empregabilidade” foram utilizados recorrentemente tendo em vista as pretensões neoliberais.

Note que, no **Trecho 16** e no **Trecho 17**, há uma tentativa de tornar as informações dispostas nas frases destacadas em azul mais concretas e materiais para o leitor. Para tanto, ambos os trechos recorrem a contextos históricos específicos, que podem ser visualizados nas frases destacadas em verde. Veja que, nesses casos, utilizou-se uma estratégia argumentativa intitulada **argumentação por ilustração/exemplificação**. Ela é ideal quando buscamos trazer um raciocínio/teoria/conceito mais complexo para o leitor. Exemplos e ilustrações são recursos argumentativos que deixam a escrita mais didática.

Trecho 18 - Argumentação por analogia

Discutindo sobre a possibilidade de elaboração de mecanismos que favoreçam a formação humana integral no Ensino Médio Integrado, Silva, Melo e Nascimento (2015) apontam que, para a sua concretização no contexto educacional, são necessários currículos integrados e práticas integradoras.

Analogamente, Cardoso *et al.*² (2022) expõem que a formação integral almejada no Ensino Médio Integrado necessita da adoção de práticas pedagógicas que rompam com a lógica dualista da educação perpetuada historicamente e que se oponham à formação simplificada/descontextualizada.

² “*et al.*” é uma expressão derivada do latim e significa “e outros”. Ela é empregada quando desejamos citar produções acadêmico-científicas que apresentam mais de três autores. Assim, mantemos o nome do primeiro autor e, na sequência, utilizamos o termo em questão.

Observe que no **Trecho 18** entre as duas citações indiretas existe uma relação de semelhança, expressa por meio do uso da expressão “analogamente”. Nessa construção de raciocínio, existe uma proposta de aproximação de posicionamento teórico enunciado por diferentes autores. Dito isso, vale registrar que, quando objetivamos indicar similaridades entre conceitos/teorias legitimados, podemos aplicar uma estratégia argumentativa intitulada **argumentação por analogia**.

Trecho 19 - Argumentação por pergunta-retórica

Assim, Kleiman (2005) pontua que as práticas de letramento escolar são, muitas vezes, competitivas, individuais e abstratas. E esse modo de pensamento serve como alicerce para uma autocrítica: quais são os projetos pedagógicos relativos aos letramentos que se deseja para os estudantes? Pretende-se que eles sejam apenas adestrados a partir de normas, de competências técnicas e de habilidades individuais pertinentes à leitura e à escrita?

O **Trecho 19** apresenta uma estratégia argumentativa nomeada ***argumentação por pergunta retórica***. Ela configura-se como um recurso persuasivo no qual o autor não deseja que o leitor imediatamente responda às interrogações colocadas, mas que ele reflita sobre os questionamentos postos. Com isso, podemos trazer discussões para nossos textos acadêmico-científicos, buscando maior proximidade com nosso leitor, que, a partir de sua bagagem sociocultural e de seu repertório de mundo, poderá se conectar aos aspectos levantados nas perguntas. Essa é uma estratégia muito interessante, não é mesmo? Você deve ter atenção em relação às questões elaboradas, pois elas precisam ser claras e, no caso de uma combinação (duas ou mais perguntas simultâneas), fazerem sentido entre si. Senão, o leitor pode ficar confuso.



Fica a dica

Outro aspecto que não pode ser perdido de vista é o fato de que essas interrogações necessitam apresentar relação temática com as demais partes do texto para não ficarem deslocadas do processo argumentativo.



Em síntese, é fundamental reforçar que a escrita acadêmico-científica exige do autor/pesquisador a capacidade de argumentação para defesa de uma tese (posicionamento mais amplo) sobre um determinado tema, ou melhor, objeto ou fenômeno de interesse. Sabemos que abordamos muitas estratégias argumentativas, ilustrando-as com o uso de exemplos práticos. Por isso, para facilitar o seu estudo, criamos um mapa mental em que se descrevem, de forma breve, todas aquelas que apontamos, registrando, essencialmente, a função de cada uma delas em nossas produções textuais.

MAPA MENTAL COM ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS PARA ESCRITA ACADÊMICO-CIENTÍFICA





Checklist da escrita acadêmico-científica

Diante de tudo o que vimos até aqui, apresentamos algumas das inúmeras estratégias argumentativas que podemos recorrer para construir nosso ponto de vista e defendê-lo. Nossa proposta, ao trazermos alguns exemplos, foi mostrar a você que a escrita acadêmico-científica é muito diversa e plural. Não existe uma receita (modelo único) que precisa ser seguida rigorosamente. Apesar disso, você já deve ter notado que existem orientações valorizadas no mundo acadêmico, que servem para direcionar o modo como produzimos ciência, a saber, a forma correta de fazermos citações (diretas e indiretas) e as maneiras de evitarmos plágio. Segue lista de checagem relativa ao capítulo que aqui se encerra.



✓ Realizei em meu texto citações (diretas e indiretas) para embasar as informações apresentadas?

✓ Citei todos os autores e os documentos que li para construção do meu texto, dando o devido crédito a quem produziu os conceitos, as teorias e as informações que sustentam a minha argumentação?

Em meu texto, há variadas estratégias

✓ argumentativas? Todas elas condizem com o raciocínio que pretendi construir para validar um determinado ponto de vista?

Segui as orientações para a elaboração

✓ de paráfrases assertivas, reconstruindo e interpretando as ideias de autores?

ARTICULAÇÃO DE IDEIAS NA ESCRITA ACADÊMICO-CIENTÍFICA: O QUE É? COMO FAZER?

Nos capítulos anteriores, apresentamos características gerais da escrita acadêmico-científica, focalizando aspectos linguísticos e argumentativos. Imaginamos que, ao longo da leitura deste material, você deve ter aprendido - ainda que de forma geral - os modos de produção de textos acadêmico-científicos e suas singularidades. Caso alguma informação não tenha ficado clara, não se preocupe! Você poderá retornar às páginas anteriores e lê-las novamente. Persistindo dúvidas, sugerimos que converse com seu orientador/coordenador, pois, no trajeto de pesquisa, essa figura será seu suporte. Saiba que o ato de pesquisar não precisa ser solitário, tenha uma rede de apoio e pessoas com quem você possa trocar experiências/vivências. Certamente, isso tornará esse processo mais leve.

Feita essa observação, prosseguiremos estudando um assunto que julgamos ser muito importante para nossa escrita: coesão. A produção de textos acadêmico-cien-

tíficos é uma atividade complexa, que exige do autor a capacidade de articular conceitos/teorias. É muito comum que pesquisadores enfrentem dificuldades no momento de promover diálogo entre citações, visto que elas devem fazer sentido entre si. Para nos auxiliar nesse processo, existem recursos linguísticos em língua portuguesa que possibilitam a retomada de termos/palavras/expressões/orações e a união de diferentes partes de um texto: **mecanismos/recursos coesivos**.

Na escrita acadêmico-científica, quando pretendemos (1) **retomar** ou (2) **anunciar** elementos em nossos textos, podemos recorrer às estratégias de **anáfora** (no primeiro caso) e de **catáfora** (no segundo caso). Essas nomenclaturas e conhecimentos mais específicos e, até mesmo, técnicos podem não fazer parte de seu repertório. Por isso, nosso objetivo será explicar esses termos de uma maneira acessível e apresentar exemplos para contextualizá-los. Ok?

Trecho 20 - Anáfora (retomada)

O trabalho, como refletido por Della Fonte (2014), é uma ação humana (produção material e simbólica), intencional e consciente, capaz de transformar a natureza, fundamentada nas dimensões corporais e sensitivas. Aprofundando **essa compreensão**, Saviani (1989) aponta para a existência de interpretações equivocadas acerca do entendimento do trabalho produtivo como produção material e do trabalho improdutivo como produção não material.

Trecho 21 - Catáfora (anúnciação)

Antunes (2009) partilha **deste pensamento**: essencialmente, o que permite a definição do trabalho produtivo é a geração de mais-valia, não a materialidade ou a imaterialidade.

No **Trecho 20**, utilizou-se uma estratégia de coesão chamada **anáfora**. Veja que a expressão “essa compreensão” retoma toda a frase anterior (destacada em verde). Por sua vez, no **Trecho 21**, caracterizado pela **catáfora**, a expressão “deste pensamento” anuncia um trecho que ainda não foi apresentado (destacado em verde). Com esses dois exemplos básicos, queremos lhe mostrar que a escrita de um texto acadêmico-científico não é linear, por essa razão, em diferentes momentos de produção deles, precisaremos fazer referência ao que já foi dito e/ou ao que

será apresentado. Reconhecer formas de executar essas operações será importante para construirmos textos mais articulados e coesos, evitando repetições de palavras/expressões/ideias.



Fica a dica

As principais classes de palavras que nos auxiliam na realização de anáforas e de catáforas são: pronome, artigo, adjetivo, verbo, advérbio, numeral, substantivo, preposição.



Quer saber mais?

Para diversificar as palavras em seus textos e evitar repetições de termos/expressões, sugerimos que procure/utilize sinônimos (<https://www.sinonimos.com.br/>).



Além dos elementos de retomada, quando abordamos a coesão textual, outro recurso linguístico extremamente válido e necessário são as **conjunções**. Essas palavras exercem o papel de unir partes de nosso texto (frases, orações, períodos, parágrafos), gerando efeitos de sentido. É fundamental observarmos, portanto, que essa classe gramatical contribui no processo de argumentação, pois ela atua como uma espécie de direcionamento interpretativo para que o leitor compreenda a intenção, o tom, a nuance de sentido que o autor pretende transmitir em um determinado trecho.

QUADRO DE CONJUNÇÕES PARA TEXTOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS

Conjunções	Efeito de sentido (quando usar?)	Exemplo
e, nem, não só... mas também, não só... como também, além disso, ademais, além, bem como, tanto quanto ...	As conjunções aditivas são ideais quando desejamos expressar soma de ideias, ou seja, quando buscamos trazer mais informações sobre um mesmo conceito ou uma mesma teoria (acréscimo).	De acordo com Gil (2008), as pesquisas exploratórias, geralmente, empregam levantamentos bibliográfico e documental, entrevista não-padronizada e estudo de caso, além disso aplicam-se à investigação qualitativa de temas ainda pouco tratados na literatura.

no entanto, entretanto, mas, porém, contudo, todavia ...	As conjunções adversativas são fundamentais para indicarmos contrastes, discordâncias, diferenças entre conceitos e/ou teorias (oposição).	Para Silva (2020), na universidade brasileira, perpetuaram-se dois modelos principais de extensão: o inglês (baseado na oferta de cursos) e o americano (focado na prestação de serviços). No entanto , argumenta-se que as práticas extensionistas também podem assumir viés formativo (Oliveira; Costa, 2021).
ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja, nem... nem ...	As conjunções alternativas - como o próprio nome sugere - transmitem uma ideia de alternância.	Para Kleiman (2005), os eventos de letramento abarcam situações reais em que as atividades relativas à língua escrita exigem a mobilização coletiva de saberes, de recursos e de materiais, seja para os participantes atingirem objetivos individuais, seja para que consigam atingir metas/interesses em comum.
porque, que, porquanto, pois (antes do verbo) ...	As conjunções explicativas justificam conceitos/teorias anteriormente expressos (explicação).	Criticamente, Prado e Morato (2016) adicionam que a Redação do Enem representa um gênero textual, porque estimula o uso social da língua e a manifestação do ponto de vista dos estudantes sobre questões sociais.

portanto, logo, assim, sendo assim, por isso, por consequência, por conseguinte, então, dessa forma, desse modo, pois (depois do verbo) ...	As conjunções conclusivas são indispensáveis quando pretendemos concluir algum raciocínio ou apresentar consequências relacionadas a ele (fechamento).	Conforme França et al. (2022), os gêneros textuais são elaborados em nosso cotidiano e seguem princípios históricos, sociais e técnicos. Assim sendo, ainda com base nos mesmos autores, esse tipo de entendimento evidencia características do texto que estão para além da “forma”.
que, se	As conjunções integrantes não transmitem um efeito de sentido na escrita. Elas são usadas basicamente para unirmos oração principal e oração subordinada (que depende de outra para ter sentido completo), atuando como uma espécie de elemento de ligação.	Uma hipótese é a de que essa realidade é, muitas vezes, resultado de currículos e de métodos de ensino que desconhecem ou desconsideram o papel das práticas letradas na vida social dos discentes.

porque, pois, por isso que, uma vez que, já que, visto que, que, porquanto, como (equivalente a “porque” no início da frase) ...	As conjunções causais são empregadas quando objetivamos apresentar causas que sustentem um determinado posicionamento/ ponto de vista.	Scharf (2014) registra que é importante que o trabalho educativo com a Redação do Enem envolva o dialogia e o letramento como pilares do processo de aprendizagem, porque leitura e escrita entendidas como atividades sociais entrelaçadas são a base para o ensino de produção textual.
se, salvo se, desde que, contanto que, caso, a não ser que, a menos que ...	As conjunções condicionais são utilizadas quando pretendemos expressar dúvidas, condições ou hipóteses.	Será possível a construção de um ambiente solidário e cooperativo na escola, desde que os usos da leitura e da escrita sejam vislumbrados como meios para a emancipação humana/ social.
segundo, conforme, de acordo, como, consoante ...	As conjunções conformativas, nos textos acadêmico-científicos, podem ser usadas quando fazemos referência ao posicionamento teórico-conceitual de algum autor.	Conforme tratado por Franco (2015), a perspectiva etnográfica condiciona um contato próximo entre pesquisador e participantes de uma investigação, bem como das práticas de escrita deles.

a fim de que, para que, que (equivalente a “para que”), com o objetivo de, com o propósito de, com vista(s) a ...	As conjunções finais são ideais quando pretendemos expressar finalidade, objetivo, pretensão.	Silva e Souza (2020) defendem que uma educação pautada na politécnica é capaz de fornecer aos estudantes conhecimentos de base linguística, cultural, social, natural e humana para que eles consigam se entender como seres protagonistas no mundo.
quando, enquanto, logo que, sempre que, assim que, desde que, antes que, até que, depois que, agora que, toda vez que ...	As conjunções temporais são necessárias quando buscamos situar o leitor temporalmente.	Quando se pensa no mundo contemporâneo, majoritariamente grafocêntrico, leitura e escrita assumem posição de centralidade em processos formativos na escola (Bordignon; Paim, 2017).
mesmo que, apesar de que, embora, conquanto, por mais que, mesmo que, se bem que ...	As conjunções concessivas são adequadas para expressarmos fatos que ocorrem em detrimento de outros em uma relação de “quase oposição”.	A “omnilateralidade” é um tipo de formação que busca desenvolver todas as dimensões humanas: físicas, intelectuais, culturais, entre outras (Ciavatta, 2014), apesar disso a sua concretização é submetida a diversos impasses na contemporaneidade.

como, tal qual, assim como, mais que, menos que, tanto quanto, que nem ...	As conjunções comparativas são fundamentais para estabelecermos relações de comparação em nossos textos (inferioridade, igualdade, superioridade).	O trabalho, como refletido por Della Fonte (2014), é uma ação humana (produção material e simbólica), intencional e consciente, capaz de transformar a natureza, fundamentada nas dimensões corporais e sensitivas.
tal... que, tão... que, tanto... que, de modo que, de forma que, de sorte que, de maneira que ...	As conjunções consecutivas são empregadas quando precisamos indicar uma relação de causa e consequência.	É essencial levar em consideração questões sociais e políticas quando se trata do uso da língua e da linguagem nas interações humanas (Assolini; Tfouni, 2006), de maneira que haja reformulação de métodos de ensino.

No quadro anterior, mapeamos os principais efeitos de sentido possibilitados por conjunções e registramos alguns exemplos de palavras/expressões pertencentes a esse grupo, para que você consiga, com assertividade, empregá-las em seus textos. É fundamental dizer que as conjunções podem apresentar mais de um significado, dependendo do contexto, por isso precisamos não decorar suas funções como se fossem fixas e únicas. Assim sendo, devemos ter atenção em re-

lação a como elas funcionam e auxiliam a produção de sentido em nossas frases e parágrafos.

Para refletir...



Neste e-book, em alguns (poucos) momentos, recorremos a nomenclaturas da gramática normativa para tratar de questões linguísticas da escrita acadêmico-científica. Apesar disso, não é nosso interesse que você se prenda a isso, tentando memorizá-las! Lembre-se: mais importante do que saber nomes/termos específicos é entender funções, contextos, efeitos de sentido, isto é, a língua em funcionamento.



Checklist da escrita acadêmico-científica

Neste capítulo, tratamos da importância da coesão textual em textos acadêmico-científicos. Assim sendo, vimos, brevemente, o papel dos mecanismos de coesão, trazendo quadros com exemplos de conjunções e aplicações práticas em frases para você se inspirar. É importante pontuar que esses recursos linguísticos, além de deixarem a escrita mais fluida, garantindo a unidade textual, contribuem para a geração de

efeitos de sentido, o que, por consequência, pode favorecer o processo argumentativo.



- ✓ As frases de meu texto apresentam sentido completo e dialogam entre si?
- ✓ Na minha escrita, existe o emprego de elementos linguísticos que evitam repetições desnecessárias de palavras?
- ✓ Na minha escrita, há o uso de elementos linguísticos, com ênfase nas conjunções, que contribuem na construção de efeitos de sentido?
- ✓ Os elementos coesivos empregados em meu texto transmitem a mensagem desejada em termos argumentativos?

TEXTOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS: COMO PRODUZIR ARTIGOS, RELATÓRIOS E COMUNICAÇÕES ORAIS?

Quando lidamos com a ação de pesquisar academicamente, estamos nos inserindo em um universo em que temos de produzir diferentes gêneros textuais, por exemplo, resumos, resumos expandidos, artigos acadêmico-científicos, projetos de pesquisa, ensaios, relatórios. Cada um deles possui características próprias e exigem do pesquisador diferentes estratégias linguísticas, argumentativas e estruturais para a sua composição. Assim sendo, diante dessa diversidade, temos de especificar que, no momento, não é nosso propósito explorar e explicar todos eles. Falaremos, neste capítulo, em como elaborar artigos e relatórios técnicos. Após isso, abordaremos as comunicações orais no geral. Vamos nessa?



Artigo acadêmico-científico

Mas, afinal, o que é um artigo acadêmico-científico?³

O artigo acadêmico-científico representa um texto relati-

³ Neste e-book, optamos pelo uso da expressão “acadêmico-científico” (e suas variações), pois não é nosso interesse aprofundar discussões teóricas sobre o significado dessas palavras isoladamente (acadêmico ou científico). A título de curiosidade, entendemos que a escrita ou os textos científicos apresentam uma “rigidez” maior em comparação aos acadêmicos, que, por sua vez, têm uma maior flexibilidade estrutural, linguística, argumentativa, por exemplo.

vamente curto em que o pesquisador deve apresentar, de modo objetivo, a sua pesquisa, indo desde a Introdução até as Considerações Finais. Para a sua produção, é necessário rigor metodológico e teórico, além de cuidado especial em relação à norma padrão da língua portuguesa. Na sequência, iremos tratar de cada um de seus elementos, fornecendo dicas e orientações. Aqui, não apontaremos regras e normas absolutas, mas diretrizes, pois, muitas vezes, as revistas e os eventos científicos que publicam artigos possuem estruturas e modelos próprios.

Para refletir...



O artigo é um documento em que o pesquisador irá registrar, por meio da escrita, dados sobre a investigação que realizou. Trata-se de uma forma de comunicar achados científicos. Logo, é fundamental uma seleção estratégica de informações, a fim de que o leitor possa compreendê-las em poucas páginas, daí a importância do exercício de síntese.

ESTRUTURA GERAL DE UM ARTIGO ACADÊMICO-CIENTÍFICO

Introdução

1

Apresentação de uma contextualização geral da pesquisa, visando a situar o leitor (contexto, pergunta-problema, objetivos, justificativa, encaminhamento teórico-metodológico).



Referencial teórico

2

Exposição dos principais conceitos e teorias que sustentam a investigação. É a base para o processo de análise de dados.



Metodologia

3

Descrição das etapas necessárias para o desenvolvimento da pesquisa e classificação do estudo quanto às escolhas metodológicas.



Resultados

4

Apresentação (gráficos, quadros, tabelas, metatextos, etc.) e interpretação científica de dados, a partir da(s) técnica(s) de análise escolhida(s) pelo pesquisador.



Considerações finais

5

Externalização de "conclusões" mais amplas da pesquisa, tendo em vista as características (limitações e potencialidades) do estudo realizado.





Título: dando identidade à nossa pesquisa

Título e tema não são sinônimos. O **tema** é o **assunto amplo** sobre o qual o pesquisador irá lançar o seu olhar investigativo, podendo ser cultural, político, econômico, educacional, ambiental, entre outros. Por sua vez, o **título** é a **delimitação do tema**, trata-se de um **recorte histórico, geográfico, teórico ou metodológico**. É o primeiro elemento do nosso artigo acadêmico-científico com o qual o leitor terá contato e é a partir dele que será comunicada a “identidade” de nosso trabalho investigativo. Vejamos a diferença a seguir.

Tema	Título
Leitura e escrita	Letramentos e formação humana integral em práticas extensionistas na Educação Profissional e Tecnológica: um estudo de caso

O título “Letramentos e formação humana integral em práticas extensionistas na Educação Profissional e Tecnológica: um estudo de caso” consiste na delimitação do tema “Leitura e escrita”. Perceba que, por um lado, este representa uma área ou um campo de estudo mais panorâmico, por outro lado, aquele traz informações mais

específicas sobre conceitos (“letramentos” e “formação humana integral”), contexto de investigação (“práticas extensionistas” e “Educação Profissional e Tecnológica”) e percurso metodológico (“estudo de caso”). O título deve, preferencialmente, ser o último elemento do artigo a ser produzido.



Fica a dica

Para criarmos um título adequado, temos de nos atentar a alguns pontos: (1) evitar títulos muito longos, (2) escrever siglas por extenso, (3) priorizar títulos mais específicos, evitando descrições muito genéricas.





Resumo simples: sintetizando o escopo investigativo

O **resumo simples** pode ser compreendido como uma “sinopse” que contém o esboço da pesquisa que já foi executada. Nessa parte do artigo, não iremos resumir o tema da pesquisa ou o referencial teórico, mas sim trazer, sinteticamente, as informações mais relevantes de nosso estudo, para que o leitor julgue se irá ou não continuar a leitura de nosso texto. O número limite (máximo) de palavras e de caracteres que poderão ser utilizados dependem da revista que você pretende publicar, do evento que deseja participar ou das exigências da instituição na qual está se formando (no caso de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC). Embora essa variabilidade quanto à extensão, propomos uma estrutura que você poderá seguir, pois, em se tratando de conteúdo, os resumos simples seguem uma certa padronização.

Trecho 22 - Estrutura do resumo simples

Tendo em vista a articulação entre o papel da extensão e da leitura e escrita no âmbito Educação Profissional e Tecnológica, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar os eventos de letramento em que se envolvem os bolsistas e os voluntários do projeto de extensão “ConTEXTO: oficina de leitura e produção de textos. Para tanto, foi empreendido um estudo de caso aplicado, qualitativo e exploratório. Os dados de interesse foram coletados por meio de documentos (Relatórios Finais do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Júnior), com o recorte temporal de 2017 a 2022, e de entrevistas semiestruturadas. Esses dados, por sua vez, foram interpretados por meio da Análise Textual Discursiva, resultando na produção de metatextos. Os resultados indicam que os eventos de letramento analisados estimulam a formação humana integral de estudantes (bolsistas e voluntários do projeto “ConTEXTO”) do Ensino Médio Integrado. Diante disso, observa-se a relevância de a leitura e a escrita serem pensadas como possibilidades pedagógicas, sociais e culturais no processo de ensino/aprendizagem em projetos de extensão na Educação Profissional e Tecnológica.

Palavras-chave: Letramentos; Formação Humana Integral; Extensão; Ensino Médio Integrado; Educação Profissional e Tecnológica.

Legenda:

- Apresentação do contexto temático da pesquisa (área ou campo)
- Indicação do objetivo geral
- Síntese metodológica
- Apontamento dos principais resultados
- Exposição das considerações finais

Após o resumo, são indicadas algumas **palavras-chave**. No **Trecho 22**, são: “Letramentos”, “Formação Humana Integral”, “Extensão”, “Ensino Médio Integrado” e “Educação Profissional e Tecnológica”. No contexto de artigos acadêmico/científicos, elas servem para demarcar o assunto tratado em nossa pesquisa, além de facilitar que leitores encontrem nosso texto por meio de mecanismos de busca. Essas palavras-chave podem ser expressões únicas (letramentos, extensão) ou compostas (formação humana integral, Ensino Médio Integrado, Educação Profissional e Tecnológica).



Introdução: contextualizando a proposta investigativa

Introduzir significa “levar para dentro”. Na **Introdução** do artigo, devemos apresentar o panorama geral do estudo que realizamos, contextualizando o tema. Geral-

mente, essa é a última parte de nosso texto a ser produzida, pois parte-se da premissa de que o pesquisador, no fim da pesquisa, possuirá maior conhecimento sobre seu objeto ou fenômeno de estudo. Dessa maneira, ele conseguirá ter uma visão mais sistêmica sobre a própria investigação e, em consequência, terá uma escrita mais “autoral”, no sentido de haver maior domínio/conhecimento sobre conceitos, teorias, percurso metodológico, resultados. A Introdução é composta por micropartes: contexto da pesquisa, pergunta-problema, objetivos (geral e específicos), justificativa e encaminhamentos teórico e metodológico, como se pode ver.

**Contexto:**

qual é a área/campo em que o tema da pesquisa se insere?

**Pergunta-problema:** o que pretendo saber?**Objetivos:**

quais ações são necessárias para a execução do estudo?

**Justificativa:** o que valida a importância da pesquisa?**Encaminhamento:**

como as seções seguintes do artigo se organizam?

O **contexto da pesquisa** trata da descrição de eixos temáticos pertinentes (direta ou indiretamente) à proposta de pesquisa, destacando o quadro social, político, econômico, cultural, etc. em que ela se insere e/ou exerce influência de algum modo. Para isso, podem ser empregados dois tipos de raciocínio: **dedutivo** ou **indutivo**. No raciocínio dedutivo, partimos de assuntos mais gerais em direção àqueles mais específicos. No raciocínio indutivo, diferentemente, partimos de um assunto mais específico e promovemos generalizações. Ambas as estratégias são pertinentes, logo o pesquisador pode selecionar aquela que mais se adequa às suas necessidades e ao seu tema de investigação.

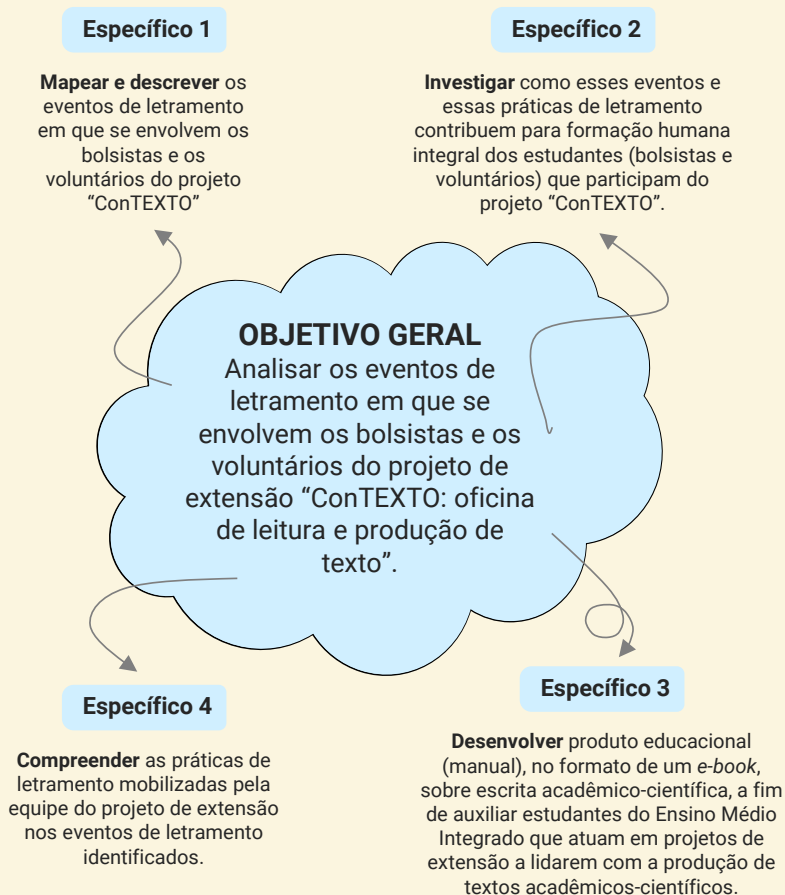
A **pergunta-problema** - também denominada **questão-problema** ou **problema de pesquisa** - representa qual questão nós (na posição de pesquisadores) desejamos “responder”, lembrando que esse verbo, no contexto das investigações científicas, não significa trazer uma resposta definitiva, absoluta, impositiva apta a findar um debate. No fazer científico, promovemos contribuições pontuais e gradativas no conhecimento acumulado pelos seres humanos. Para criarmos uma boa pergunta problema, ela precisa ser específica/recortada. Na sequência, observe um modelo para construção de pergunta-problema.

Estrutura de pergunta-problema: pronome ou advérbio interrogativos+ sentença + ponto de interrogação (?)

São advérbios interrogativos: onde (lugar), quando (tempo), como (modo), por que/por quê (motivo, causa), dentre outros. São pronomes interrogativos: qual, quais, quanto, quantos, quanta, quantas (variáveis) e que, quem (invariáveis). Lembre-se de que a pergunta-problema não pode ser genérica, pois você conduzirá sua pesquisa a partir dela. Perguntas muito amplas abrem muitas possibilidades de respostas, e isso poderá dificultar o seu processo investigativo. Para se facilitar a compreensão do que pontuamos até aqui, tem-se como um bom exemplo de questão-problema: Como os eventos de letramento estimulados pelo projeto “ConTEXTO: oficina de leitura e produção de textos” influenciam a formação humana integral de estudantes (bolsistas e voluntários do projeto de extensão) do Ensino Médio Integrado do IFMG – *Campus Ouro Branco*?

Os **objetivos** são criados a partir da pergunta-problema e são uma espécie de “meta científica” que devemos perseguir para cumprir aquilo que nos propomos a investigar. Eles devem ser escritos com verbos no infinitivo (terminados em “R”), além disso podem ser **gerais** ou **específicos**. O geral é aquilo que temos como centralidade na pesquisa. Os específicos são desdobramentos

do objetivo geral e atuam como metas de suporte. Nesse sentido, cabe mencionar que é preciso haver uma coordenação e uma sinergia entre eles, como podemos notar no exemplo seguinte, adaptado de uma dissertação do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do IFMG - *Campus Ouro Branco*.



Observe que todos os objetivos são iniciados por verbos no infinitivo (modo nominal), destacados em negrito. O objetivo geral definido é bastante amplo e, para que seja mais facilmente executado, é dividido em específicos.

Como orientação, é sugerido que, em sua pesquisa, sejam indicados de três a cinco objetivos específicos. Precisamos ter clareza em relação aos limites de nossas pesquisas, por isso o apontamento de um número elevado deles ou mesmo a criação de objetivos muito abstratos podem tornar o processo de pesquisa confuso e desanimador. Segue uma lista de verbos para você se inspirar/basear.

LISTA DE VERBOS PARA OS OBJETIVOS		
Analisar	Descrever	Indicar
Aplicar	Desenvolver	Interpretar
Apontar	Discutir	Investigar
Apresentar	Esquematizar	Mapear
Avaliar	Estabelecer	Mensurar
Calcular	Evidenciar	Narrar
Caracterizar	Explicar	Propor
Classificar	Explicitar	Refletir
Compreender	Explorar	Registrar
Comparar	Expor	Relacionar
Construir	Externalizar	Relatar
Definir	Formular	Validar
Demonstrar	Identificar	Verificar

A **justificativa** é a parte do artigo em que devemos argumentar e defender por que nossa pesquisa deve ser realizada. Dessa maneira, podem ser indicadas as contribuições teóricas e práticas da investigação e quais lacunas do conhecimento poderemos preencher. Vale a pena pontuar que as justificativas não podem ser pautadas simplesmente em nossas experiências e desejos pessoais, é preciso fundamentar nossas afirmações e nossos posicionamentos com base em estudos já postos na literatura.

Os **encaminhamentos teóricos e metodológicos** são antecipações que fazemos no fim da Introdução sobre as seções seguintes do artigo acadêmico-científico. Nesse sentido, pode haver um parágrafo em que classificamos brevemente a pesquisa quanto ao tipo, à natureza, à abordagem e às técnicas e outro parágrafo em que descrevemos quais temáticas serão abordadas ao longo do Referencial Teórico. Esse tipo de parte contribui para tornar o texto produzido mais coeso, visto que esses movimentos de mencionar o que está por vir e de retomar aquilo que já foi dito estimulam a garantia da unidade textual, evitando a produção de textos fragmentados e pouco articulados quando pensamos no contexto geral da pesquisa.



Referencial Teórico: dialogando conceitos, teorias, autores

O **Referencial Teórico** - também chamado de **Lente Teórica** ou **Fundamentação Teórica** - é a parte do artigo acadêmico-científico na qual devemos aprofundar os temas pertinentes à pesquisa. Assim, podemos buscar informações em diferentes fontes: artigos, dissertações, teses, monografias, sites, leis, livros, desde que reconhecidos científica ou legalmente. Recomenda-se a combinação de obras clássicas e de estudos mais recentes (de até cinco anos anteriores), visando-se a trazer as teorias e os conceitos mais recentes sobre determinado tema em uma área do saber específica. Com o objetivo de utilizarmos os discursos de outros autores, convém empregarmos as citações diretas e indiretas (como vimos no Capítulo 2).



Metodologia: classificando e traçando as etapas de pesquisa

A **Metodologia** é a parte do artigo acadêmico-científico em que iremos descrever, detalhadamente, o que fizemos em nossa pesquisa, evidenciando todo o processo in-

investigativo (passo a passo) desde a coleta até a análise de dados. Posto isso, devemos explicitar ao leitor a maneira pela qual classificamos a nossa pesquisa quanto ao tipo, à natureza, à abordagem e às técnicas. Somado a isso, convém apresentarmos o(s) instrumento(s) de coleta de dados, assim como a forma pela qual eles serão analisados, justificando, sempre, cada escolha feita e destacando em que medida ela contribuiu no desenvolvimento da investigação.



Análise e discussão de resultados: interpretando dados

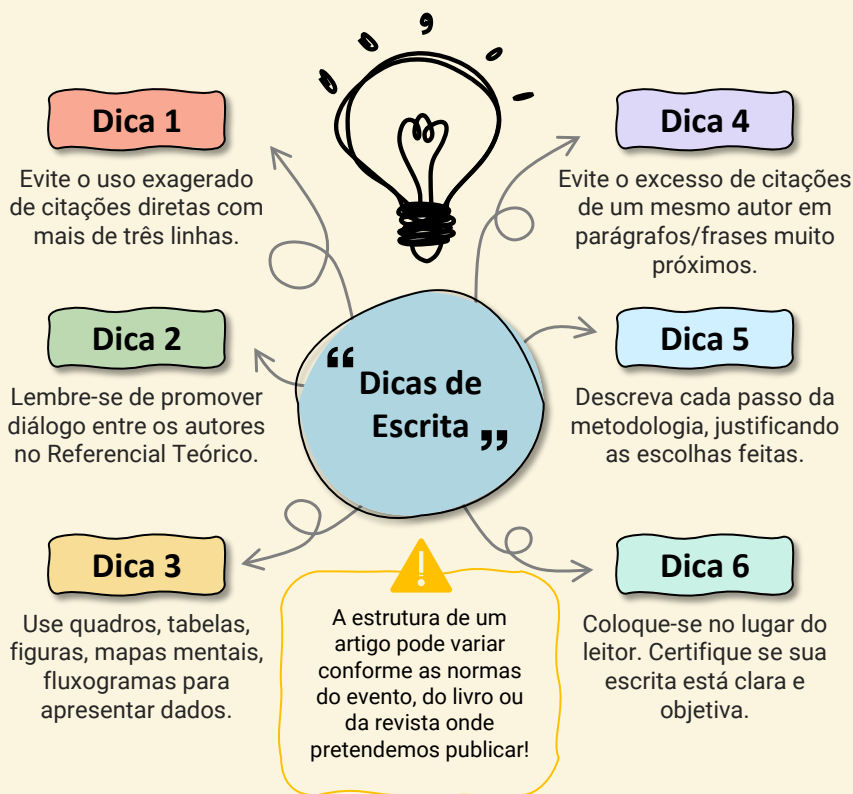
A **Análise e Discussão de Resultados** é a parte do artigo em que devemos organizar e apresentar os dados que encontramos em nosso estudo. Isso deve ser feito de maneira didática e lógica, com o propósito de orientar o leitor e fazer com que ele consiga interpretar os resultados do modo mais objetivo possível. Para facilitar o entendimento, podemos utilizar esquemas, mapas mentais, gráficos, quadros, tabelas e figuras que possibilitem a exploração de diferentes dimensões do nosso objeto ou fenômeno de estudo. Nesse quadro, é sugerido descrevermos com de-

talhamento os dados coletados e interpretá-los a partir de conceitos e de teorias levantados no Referencial Teórico - o que evidencia que o artigo acadêmico-científico é composto por diferentes partes interdependentes.



Conclusão: estabelecendo algumas considerações/reflexões

A **Conclusão** - por nós chamada **Considerações Finais**, já que entendemos que em pesquisas não há fechamentos de debates e de investigações, mas abertura à descoberta de novos saberes e conhecimentos - promovemos uma síntese de tudo aquilo que foi levantado no estudo. Com base nisso, sugerimos que você retome tanto o objetivo geral quanto os objetivos específicos, a fim de destacar como a sua investigação possibilitou que eles fossem, parcial ou integralmente, alcançados. Ademais, indique quais são as limitações da sua pesquisa (demonstrando a compreensão de que o pesquisador lida com recortes da realidade) e possibilidades de novas investigações a partir delas. Agora, que tal anotar mais algumas dicas para reforçar as orientações traçadas e, então, avançarmos para o entendimento de como produzir relatórios?



Relatórios de extensão e de pesquisa

Outro gênero textual muito frequente quando lidamos com a esfera acadêmico-científica são os relatórios. Esses documentos apresentam inúmeras finalidades e tipos, contudo os que pretendemos abordar, com mais detalhes na sequência, são aqueles para comprovação de

atividades de pesquisa e de extensão. Antes disso, é necessário entendermos qual é o papel delas. Por um lado, a pesquisa contribui para o avanço da ciência, produzindo conhecimentos a partir de métodos sistematizados. Por outro lado, a extensão cumpre uma função de comunicação mais ampla, dialogando e socializando conhecimentos não só entre os membros de uma instituição educacional (escola, instituto, centro, universidade), mas com a sociedade como um todo.

Ao atuarmos como bolsistas ou voluntários em pesquisa ou em extensão, precisamos construir um texto que descreva minuciosamente as tarefas/atividades que executamos durante nossa participação em um determinado projeto a que tivemos nos associado. Esse registro pode servir, inclusive, como justificativa para o recebimento de bolsas e/ou de qualquer tipo de recurso financeiro disponibilizado. Dito isso, nossa proposta é apresentar algumas orientações que possam ajudá-lo a passar pelo processo de escrita do gênero textual de uma forma mais leve e segura. Vamos nessa?

Uma distinção precisa ser feita neste momento. No **relatório de extensão**, registramos atividades de natureza

mais prática, evidenciando como o nosso envolvimento ativo no projeto de extensão do qual fizemos parte contribuiu não só para nossa formação humana (pessoal, acadêmica e profissional), mas também como a sociedade foi impactada por nossas ações, de que maneira favorecemos a divulgação do conhecimento científico (lembrando que, em extensão, o conhecimento é construído coletivamente, por meio de troca de saberes e de experiências). No **relatório de pesquisa**, por sua vez, devemos fazer uma descrição atrelada a como foi o processo de investigação do estudo que conduzimos, quais foram as contribuições para o conhecimento científico ou uma determinada área do saber, quais foram as etapas cumpridas.

Via de regra, linguisticamente, o relatório assume orientações para escrita semelhantes às de outros textos formais, devendo seguir a norma-padrão. No entanto, em se tratando da estrutura, ele apresenta certa flexibilidade, sobretudo se comparado a outros gêneros textuais acadêmico-científicos (artigo, por exemplo). Existem vários modelos para produção de relatórios. Apesar disso, existem algumas partes importantes para a sua elaboração, tais como, Introdução, Desenvolvimento e Conclusão, as quais trataremos a seguir.



Fica a dica

Um cuidado linguístico que precisamos ter em relação à escrita de relatórios é o uso dos tempos verbais. Por se tratar de um gênero em que relatamos acontecimentos/fatos já ocorridos, devemos empregar verbos no passado ao nos referirmos às atividades e às ações já executadas.



Introdução

É a contextualização geral sobre o projeto de extensão em que participamos ou da pesquisa que desenvolvemos. Essa descrição inicial precisa ser feita de forma detalhada e clara, com o objetivo de orientar e de informar o leitor. No caso da extensão, podemos descrever o projeto, apontando nome, história de sua criação, objetivos, proposta educativa, área do saber da qual faz parte, público-alvo que atende, etc. No caso da pesquisa, é possível indicarmos dados sobre nossa pesquisa (teóricos/metodológicos), objetivos, justificativa sobre a necessidade da investigação e aspectos mais es-

pecíficos de como iremos conduzir a investigação em termos mais operacionais, seguindo, por exemplo, um plano de trabalho - documento no qual registramos atividades/ações a serem executadas em um espaço temporal.



É o aprofundamento da descrição das atividades exercidas. Nos relatórios de extensão e de pesquisa, é possível indicarmos as ações que realizamos, destacando a importância delas para nós e para a sociedade. Essa parte é ideal para trazermos informações de uma maneira mais completa e concreta, por meio de gráficos, de quadros, de imagens. É importante, de alguma forma, comprovarmos as atividades que participamos/fizemos e dimensioná-las (quantitativa ou qualitativamente). Lembre-se: o leitor não acompanhou o seu processo de atuação na pesquisa ou na extensão, assim sendo é fundamental fornecer detalhamentos que o permitam compreender - ainda que panoramicamente - o que você realizou (individual ou coletivamente), como, por que e quais foram os resultados obtidos.



Conclusão ou Considerações Finais

É o fechamento do documento. Nessa parte, cabe pontuarmos ao leitor, de forma ampla, um levantamento geral sobre as atividades desempenhadas. Aqui, é necessário expressarmos e reforçarmos os aprendizados (pessoais, profissionais, acadêmicos) que tivemos ao atuar na extensão e na pesquisa. Além disso, é possível ressaltarmos os benefícios gerados para sociedade (extensão) e para academia (conhecimento científico).

Sugerimos essa estrutura mais genérica para que você tenha um ponto de partida para escrita de relatórios, mas é essencial dizer que, em consenso com seu coordenador/orientador, você encontrará o modelo ideal. Inclusive, algumas instituições de ensino e agências/órgãos de fomento à pesquisa podem lhe fornecer um *template* (modelo/formato) próprio, que você deverá seguir. Independentemente do formato de texto que adotar, não apenas descreva as atividades/ações de pesquisa/extensão, mas também analise-as, demonstrando resultados e objetivos alcançados.



Comunicação oral

Além dos textos escritos discutidos neste capítulo, o pesquisador ou bolsista/voluntário em projeto de extensão terá de lidar com apresentações em eventos científicos, palestras, cursos, aulas, dentre outros. Isso justifica, portanto, a relevância de termos cuidado em relação à forma como nos comunicamos oralmente. Naturalmente, devido às interações informais de nosso cotidiano, tendemos a visualizar esse tipo de registro (oral) como mais leve, descontraído, flexível. Em partes, não estamos equivocados ao pensar dessa forma. Todavia, devemos levar em consideração o **contexto** para fazermos afirmações dessa natureza.

Quando tratamos de apresentações relativas à atuação no campo da pesquisa ou da extensão, precisamos, ao máximo possível, aproximarmo-nos de uma linguagem mais formal, o que não significa termos de usar palavras rebuscadas, complexas e pouco frequentes em língua portuguesa. Desse modo, a simplicidade e a clareza são nossas principais ferramentas para uma comunicação assertiva. A comunicação oral, mais do que a linguagem verbal, envolve também imagens e gestos (linguagem não verbal).

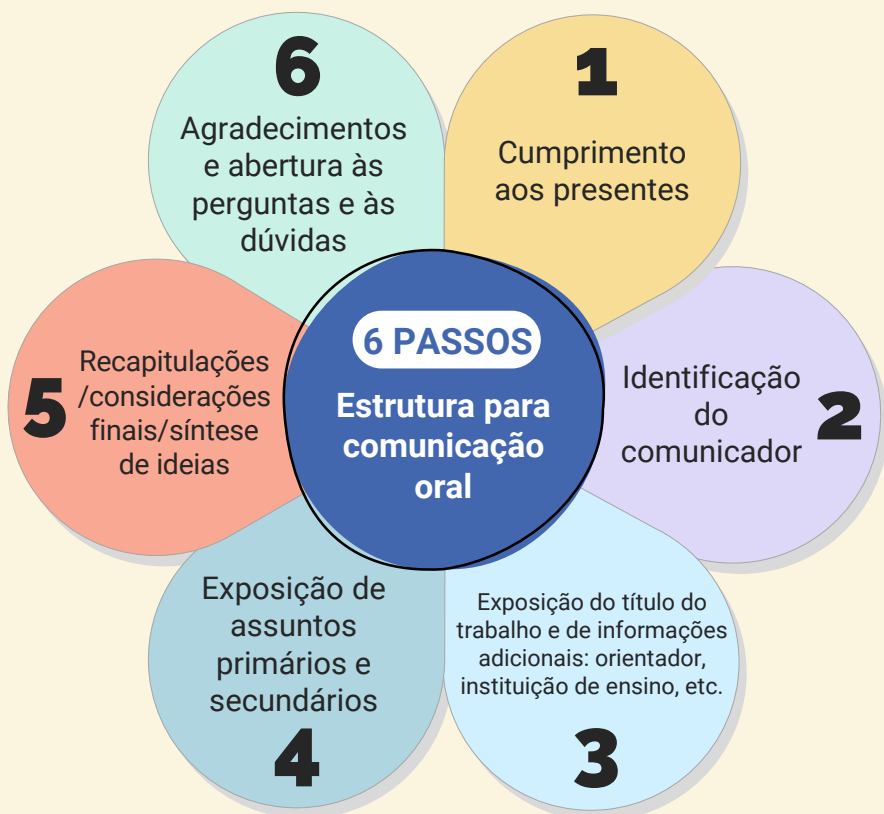
Assim sendo, o primeiro ponto ao elaborarmos apresentações é buscar entender quem será nosso público, porque isso definirá as nossas estratégias argumentativas e escolhas linguísticas.

Tendo isso em mente, podemos partir para um segundo ponto, que consiste na elaboração de materiais de apoio (*slides, banners, cartazes*). As principais orientações para a produção desses recursos é evitarmos excesso de informações e optarmos por uma estética mais minimalista: poucos elementos visuais, tons mais neutros, fonte Arial ou *Times New Roman*. Todas essas características são importantes, pois devem facilitar a transmissão de uma mensagem. Adicionalmente, como terceiro ponto são úteis alguns cuidados em relação ao ritmo da fala, à dicção (pronúncia articulada das palavras) e à organização dos conteúdos.

Antes de participar de comunicação oral em eventos, planeje sua fala. Para tanto, crie um roteiro contendo os tópicos centrais que serão discutidos em sua exposição. Esse recurso é apenas para apoio, logo poderá ser seguido integralmente ou não. Temos a liberdade e, por vezes, a necessidade de adaptar nossas apresentações

devido à limitação temporal e, até mesmo, aos imprevistos que possam ocorrer. Nessas situações, fique calmo e foque nos conteúdos e na mensagem que deseja compartilhar, usando uma linguagem acessível e didática. Vale dizer que as estratégias argumentativas para texto escrito mencionadas no Capítulo 2 também podem ser utilizadas na comunicação oral.

Evite somente ler os materiais de apoio (*slides, banners, cartazes*). Em apresentações, faça comentários adicionais, reflexões, amplie as informações e as discussões. Explique conceitos, teorias, resultados, acontecimentos com suas próprias palavras, além disso mantenha contato visual com o público, pois isso gerará maior proximidade e conexão. Tenha atenção em relação à postura corporal, mantenha o corpo em uma posição confortável (ombro aberto, coluna ereta) que lhe permita expressar com clareza e tranquilidade suas ideias. Existem inúmeras formas de conduzir uma boa apresentação. Se você ainda não tem conhecimento (teórico e prático) sobre como estruturá-las, sugerimos que siga os passos a seguir.



Note que os seis passos propostos seguem um fluxo lógico, em que, inicialmente, o comunicador saúda seu público, estabelecendo abertura a um contato mais profundo. Após isso, evidencia qual é a proposta de comunicação e questões mais amplas relativas a ela. Na sequência, aborda especificamente o conteúdo planejado e estudado previamente por meio de assunto primário (tema central) e

de assuntos secundários (recortes do tema que precisam ser tratados com mais detalhes para a compreensão do todo). No fim da apresentação, retome os tópicos mais relevantes discutidos, os quais você deseje que sejam reforçados, agradeça o público e reserve um tempo para possíveis questões e apontamentos dos ouvintes. Esse último item demonstra respeito e torna a comunicação mais dialógica, possibilitando trocas de saberes, de experiências e recebimento de apreciações críticas.

Entendemos que apresentações não englobam somente questões técnicas, por isso é necessário refletirmos sobre os **aspectos emocionais**. Realizar uma comunicação oral, sobretudo quando não estamos tão acostumados, parece ser uma tarefa muito complexa, em que nossos medos e inseguranças parecem nos paralisar, não é mesmo?! Contudo, para tranquilizá-lo, saiba que essa resistência e inabilidade iniciais fazem parte de um **processo de aprendizagem**. As nossas primeiras exposições em palestras, cursos, *workshops*, eventos científicos geralmente tendem a ser marcadas por erros e acertos, o que é extremamente natural e esperado. A frequência e a constância nesse tipo de atividade nos darão, cada vez mais, confiança e segurança.

Apesar disso, é desejável entendermos de onde parte essa insegurança em exposições acadêmico/científicas, isto é, quais são as suas causas. Em linhas gerais, estão presentes entre elas: falta de planejamento de tempo, ausência de domínio de conteúdo, desorganização da estrutura da apresentação. Para todas elas, apresentamos anteriormente formas de superá-las. Como dicas adicionais, caso seja possível, ensaie a comunicação oral em casa e tente identificar pontos de melhoria, assim você conseguirá corrigi-los até a data de sua apresentação final: a prática é nossa principal aliada. Seja humilde e entenda que sempre há espaço para crescimento.

Quer saber mais?

Para construir *slides*, você pode utilizar diversos aplicativos e programas de edição. Além do PowerPoint, há boas opções, como Google Slides e Canva (https://www.canva.com/pt_br/).





Fica a dica

Se a insegurança, a ansiedade, o medo, o nervosismo e a preocupação estiverem o impedindo de conseguir se expressar, procure um profissional da Psicologia, pois assim você terá um suporte/apoio mais específico e direcionado para suas necessidades e questões pessoais.



Checklist da escrita acadêmico-científica

Neste capítulo, você pôde aprender um pouco sobre como desenvolver textos escritos e orais no contexto acadêmico/científico. Discutimos basicamente como construir artigos acadêmico-científicos, relatórios para a comprovação de atividades de pesquisa e de extensão e, por fim, como elaborar apresentações em comunicações orais. Nossa proposta não é que você memorize estruturas ou formas únicas de se expressar, mas que, com este manual, sempre que surgir alguma dúvida, você possa consultá-lo e lembrar aspectos importantes. Na sequência, temos uma lista de checagem mais rápida para você analisar as suas produções e apresentações.



- ✔ Meu artigo apresenta uma estrutura completa (Introdução, Referencial Teórico, Metodologia, Análise de Dados e Considerações Finais)? Cada uma dessas partes cumpre suas devidas funções?
- ✔ Meu relatório (pesquisa ou extensão) apresenta Introdução, Desenvolvimento e Conclusão/Considerações Finais? As atividades/ações são descritas detalhadamente e comprovadas com imagens, certificados e resultados em geral?
- ✔ A linguagem empregada em meu artigo ou relatório segue a norma-padrão e busca a clareza e a objetividade na transmissão das mensagens desejadas?
- ✔ Minha comunicação oral está organizada em relação ao conteúdo? Os materiais de apoio (slides, banners, cartazes) favorecem o compartilhamento de informações com a audiência e são esteticamente adequados?

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé Costa. Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 65-76, 2002.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009. 287 p.

ASSOLINI, Filomena Elaine Paiva; TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e trabalho pedagógico. **Revista ACOALFAplp: Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 50-71, 2006.

BORDIGNON, Lorita Helena Campanholo; PAIM, Marilane Maria Wolff. Alfabetização no Brasil: um pouco de história. **Educação em debate**, Fortaleza, n. 74, p. 51-67, 2017.

CARDOSO, Luiz Mário Lopes. et al. Práticas pedagógicas integradoras: o elo entre ensino médio integrado e a formação integral. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, [s.l.], v. 8, p. 1-13, 2022.

ClAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. Ensino Médio e Educação Profissional no Brasil: dualidade e fragmentação. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 5, n. 8, p. 27-41, 2011.

Clavatta, Maria. O ensino integrado, a politécnica e a educação omnilateral: por que lutamos? **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 187 – 205, 2014. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9303>. Acesso em: 9 de maio. 2023.

Coelho, Sandra Aparecida Pinheiro. **A extensão no Ensino Médio Integrado**: desafios da sua consolidação no Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais - *Campus* Rio Pomba. 2022, 117 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, *Campus* Rio Pomba, Rio Pomba, 2022. Disponível em: <https://obsprofept.midi.iftm.edu.br/>. Acesso em: 10 de jul. 2023.

Coscarelli, Carla Viana. Gêneros textuais na escola. **Vere-das - Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, p. 78-86, 2007.

Couto, Andressa Freire Ramos. **A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na EPT**: uma proposta para o planejamento integrador no IFES - *Campus* Colatina. 2020, 155 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal do Espírito Santo, *Campus* Colatina, Vitória, 2020. Disponível em: <https://obsprofept.midi.iftm.edu.br/>. Acesso em: 10 de jul. 2023.

Della Fonte, Sandra Soares. A formação humana em debate. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 127, p. 379-395, 2014.

França, Mychel Arthur Martins. et al. Gênero textual redação do Enem: sequências didáticas aplicadas por PIBIDIANOS no ensino médio. **Diversitas Journal**, Santana do Ipanema, v. 7, n. 3, p. 2087-2096, 2022.

FRANCO, Raquel Aparecida Soares Reis. **Práticas de escrita em um contexto de formação continuada**: um estudo etnográfico do curso de especialização Linguagem e Tecnologia. 2015, 229 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFMG). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educar o trabalhador cidadão produtivo ou o ser humano emancipado? **Trabalho, Educação e Saúde**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 45-60, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GUIMARÃES, Nilma. Letramento: revendo conceitos e objetos de ensino. **Revista Científica da FAI**, Santa Rita do Sapucaí, v. 8, n. 1, p. 23-31, 2008.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento?**: não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp, 2005. 60 p.

LIMA, Letícia Moraes. **Linguística Textual**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017. 176 p.

MOURA, Dante Henrique. Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 705-720, 2013.

MOURA, Dante Henrique; FILHO, Domingos Leite Lima; SILVA, Mônica Ribeiro. Politecnia e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], v. 20, n. 63, p. 1057-1080, 2015.

OLIVEIRA, João Paulo de; COSTA, Conceição Leal da. Jovens e desenvolvimento de projetos de extensão no Ensino Médio Integrado: práticas pedagógicas por uma educação para a cidadania social. **Revista Humanidades e Inovação**, [s.l.], v. 8, n. 53, p. 381-396, 2021.

PENHA, Jonas Marques da; ALMEIDA, Larissa Germana Martins de. Ciberultura e Educação Profissional e Tecnológica: letramento digital como potencialidade no Ensino Médio Integrado. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 80-97, 2020.

PERES, Aline Neves. **Extensão na educação profissional e técnica de nível médio do Instituto Federal do Amazonas**: formação humana integral e reflexo social. 2020. 97 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus Manaus Centro*, Manaus, 2020. Disponível em: <https://obsprofept.midi.upt.iftm.edu.br/>. Acesso em: 10 de jul. 2023.

PRADO, Daniela de Faria; MORATO, Rodrigo A. A redação do Enem como um gênero textual discursivo: uma breve reflexão. **Cadernos CESPUC**, Belo Horizonte, n. 29, p. 205-219, 2016.

RESENDE, Valéria Barbosa de; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Letramento escolar: reflexões sobre a produção escrita de adolescentes. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 4, p. 157-178, 2015.

RODRIGUES, Marcos Cristhyam de Jesus Pereira da Cruz Rodrigues. **Letramentos e formação humana integral em práticas extensionistas na Educação Profissional e Tecnológica**: um estudo de caso. 2025, 132 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Campus Ouro Branco, Ouro Branco, 2025.

SANTOS, João Henrique de Sousa; ROCHA, Bianca Ferreira; PASSAGLIO, Kátia Tomagnini. Extensão universitária e formação no ensino superior. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 23-28, 2016.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de politécnica**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. Politécnico da Saúde Joaquim Venâncio, 1989. 51 p.

SCHARF, Kelly Alexandra. A prática social da leitura e os textos-motivadores na Redação do Enem: prerrogativas para o desempenho esperado na competência cinco? **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 1-28, 2014.

SILVA, Luzinete Moreira da; MELO, Ticiane Gonçalves Sousa de; NASCIMENTO, José Mateus do. Ensino Médio Integrado e práticas pedagógicas integradoras: caminhos para a formação humana integral. **Revista Brasileira da Educação Profissional Tecnológica**, [s.l.], v. 1, n. 8, p. 2-10, 2015.

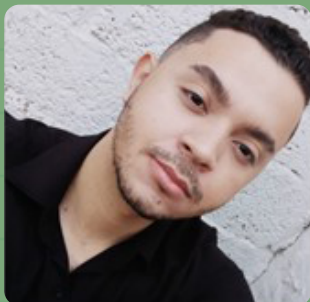
SILVA, Wagner Pires da. Extensão universitária: um conceito em construção. **Revista Extensão & Sociedade**, [s.l.], p. 21-32, 2020.

SILVA, Priscila Tiziana Seabra Marques da; SOUZA, Francisco das Chagas Silva. Docência no Ensino Médio Integrado: compromisso com as demandas do mercado ou com a formação humana integral? **Revista Humanidades e Inovação**, [s.l.], v. 7, n. 11, p. 10-20, 2020.

SÍVERES, Luiz. O princípio da aprendizagem na extensão universitária. In: SÍVERES, Luiz (Org.). **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013, p. 19-33.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 128 p.

SOBRE OS AUTORES



Marcos Cristhyam de Jesus Pereira da Cruz Rodrigues é Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo IFMG - Campus Ouro Branco. Além disso, é Bacharel em Administração e Técnico Integrado em Metalurgia pela mesma instituição. Academicamente, participou de projetos de pesquisa e de extensão relacionados à leitura e à escrita. Atuou como Bolsista de Mestrado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Possui interesse nas temáticas Educação Profissional e Tecnológica, Letramentos, Ensino, Pesquisa e Extensão.

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1415797713161740>

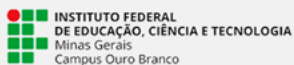


Adilson Ribeiro de Oliveira é professor Titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG - Campus Ouro Branco), onde atua nos diversos níveis e modalidades de ensino, na educação básica, na superior e no Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), programa no qual coordena o projeto “Educação Profissional e Tecnológica em perspectivas: os sujeitos, seus discursos e representações”. É membro do GEPET (Grupo de Estudos e

Pesquisas em Educação Profissional e Tecnológica) e do NELLF (Núcleo de Estudos em Linguagens, Letramentos e Formação). Seus interesses de pesquisa estão inseridos nos campos da Linguística Aplicada e da Educação Profissional e Tecnológica. É defensor da escola pública e de causas antirracistas, LGBTQIA+, feministas e indígenas.

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6099402924907667>





Contexto
do ENEM

